

CLIPPING SEMANAL DE MINERAÇÃO 27 a 31 de outubro de 2014

(Coordenação: Karen C. Nasser de F. Borges, Ad Hoc Consultores Associados Ltda)

DESTAQUE DA SEMANA

O resultado das eleições ainda pontifica entre os destaques da semana, tendo como foco as especulações características do período pós-eleição. No que tange a mineração, essas especulações tratam de uma possível retomada do andamento das discussões sobre o Novo Marco Legal da Mineração e dos nomes apontados como cotados para assumir a Pasta de Minas e Energia, que ao longo da semana, incluíram, entre outros, nomes como Giles Azevedo (geólogo e ex-secretário de Minas), Paulo Sameck (diretor da Itaipu Binacional), Roseana Sarney (ex-governadora do Maranhão) e Graça Foster (atual presidente, da Petrobrás).

A despeito da discreta torcida do Setor Mineral pelo nome de Giles Azevedo, profissional do setor de mineração, conhecedor da e administrador competente, as expectativas quanto ao futuro do MME, que seguem em aberto, tem foco não somente nas perspectivas de mudança do comando da Pasta, mas, sobretudo na atitude que o Governo tomará em relação aos projetos que, a esta altura já estão defasados, devido à rápida deterioração dos cenários interno e externo de todos os setores comandados pela Pasta: crise energética, queda nos preços de petróleo e commodities, forte declínio de investimentos em pesquisa mineral graves problemas de gestão na Petrobrás e perda de valor das empresas (Petrobrás, Eletrobrás e Vale).

Com efeito, no que diz respeito ao Setor Mineral especificamente, seja pelos impactos negativos causados pela má receptividade do Novo Marco Legal junto aos investidores e profissionais, tanto no Brasil quanto no exterior, seja pelas mudanças tectônicas no cenário mineiro internacional, a boa governança e o bom senso recomendam, nesse momento, em que há uma oportunidade única de se realinhar os rumos das ações governamentais, não a celeridade da aprovação desse projeto tão polêmico, mas cautela na sua condução e urgência na reavaliação de suas propostas, à luz da nova realidade do setor e do Governo, além do retorno à normalidade jurídica e institucional no que tange ao represamento e às excepcionalidades aplicadas às outorgas de direitos minerários, enquanto o debate da proposta, que deve ser reaberto, não se consume.

Portanto, preferências pessoais deste editorialista ou de um e outro segmento do Setor Mineral por esse ou aquele “ministeriável” à parte, o que importa para o futuro da Mineração Brasileira nesse momento, mais do que saber o nome do titular da Pasta de Minas e Energia, é a certeza de que esse nome será o de alguém capaz de convocar a todos, no governo e no setor privado, a superarem a triste fase de críticas e incertezas que marcou a relação entre o setor privado e Governo nos últimos anos, abrindo uma nova oportunidade para a recuperação do apoio político-institucional e da segurança jurídica de que as empresas e os profissionais de mineração do Brasil precisam para voltarem a ter estímulo para trabalhar, investir e crescer, de modo a contribuir para o desenvolvimento do Brasil, na medida de seu potencial.

Luciano de Freitas Borges – Ad Hoc Consultores Associados Ltda.

1-27/10/2014

Fim da eleição acelera novos marcos regulatórios e reaviva concessões

Por **Daniel Rittner** | De Brasília

A campanha eleitoral praticamente congelou o desenho final de novos marcos regulatórios lançados pela presidente Dilma Rousseff desde 2013. Do código de mineração ao regime de exploração de novos aeroportos, mudanças de regras ficaram no meio do caminho, deixando investidores à espera de decisões cruciais para seus negócios. Agora, com o fim da corrida presidencial, a expectativa dos empresários é que essas alterações sejam finalmente encaminhadas.

Faltam ainda definições cruciais para tirar do papel, após sucessivas promessas, os primeiros leilões de ferrovias e terminais portuários. Com o término das eleições, a aposta é que haja avanços nos próximos meses.

No Congresso Nacional, há dois assuntos para serem destravados imediatamente. Um deles é a proposta do novo código de mineração, lançada pelo governo em junho de 2013, mas andando de lado desde então. O relatório do deputado Leonardo Quintão (PMDB-MG), que foi reeleito, contraria pontos essenciais da versão original do texto. Por isso, nunca foi votada na comissão especial formada para tratar do assunto e não pôde seguir para o plenário da Câmara dos Deputados. O novo governo terá que decidir se endossa as mudanças feitas por Quintão ou se busca outro caminho, como uma medida provisória, para acelerar a reforma do marco regulatório.

Ao contrário do que propunha o projeto elaborado por Dilma, o relator defende a definição das novas alíquotas de royalties da mineração na própria lei. Também contraria o governo ao preservar as funções das empresas de pesquisa mineral, que teriam papel bastante reduzido no novo marco. Na costura de bastidores, o texto de Quintão recebeu sinal verde de governadores e prefeitos de localidades produtoras, mas ainda há empresas que pedem mais discussão sobre o assunto.

No Senado, o projeto que altera a Lei de Licitações (8.666/93) também aguarda uma definição, embora já tenha relatório pronto - de autoria da senadora reeleita Kátia Abreu (PMDB-TO). Diante da polêmica em torno da mudança, o Palácio do Planalto trabalhou para que o plenário não o votasse durante a campanha eleitoral.

Uma das discussões colocadas na geladeira desde as vésperas da Copa do Mundo, pegando embalo na corrida presidencial, foi a medida provisória, em estágio adiantado de elaboração, que autoriza a construção de novos aeroportos pelo setor privado.

A MP, que já tem um rascunho pronto desde o fim de maio, viabilizaria o projeto do Novo Aeroporto de São Paulo (Nasp), no município de Caieiras, desenvolvido pela Camargo Corrêa e pela Andrade Gutierrez. Hoje, terminais construídos pela iniciativa privada só podem servir a aviação executiva, sem receber voos de companhias aéreas. Consórcios que arremataram grandes aeroportos nos leilões promovidos pelo governo, comprometendo-se a pagar bilhões de reais em outorgas, afirmam que uma eventual mudança do marco regulatório pode criar condições desiguais de concorrência.

O fim das eleições também deve reavivar as concessões de infraestrutura logística lançadas por Dilma em 2012. Nenhum dos projetos de ferrovias, que somavam dez mil quilômetros de novas linhas, foi leiloado até agora.

Os empresários nunca se convenceram de que a estatal Valec, responsável por garantir a compra da carga ao longo de toda a vigência da concessão, é suficientemente confiável para um contrato com 35 anos de prazo. Para minimizar os riscos, o governo deve tomar novas medidas que garantam a presença de empresas no leilão da Ferrovia de Integração do Centro-Oeste (Fico), o primeiro trecho a ser licitado.

As licitações de terminais em portos públicos, começando por Santos e pelo Pará, emperraram no Tribunal de Contas da União (TCU). Reservadamente, o governo avalia que, mais do que por objeções técnicas, o órgão de controle tem segurado os leilões por questões políticas e deve liberá-los.

2-27/10/2014

Nova bolsa de diamantes tenta atrair brasileiros

Por **Elisa Soares** | **Do Rio**

O mercado de gemas, diamantes e metais preciosos da América Latina, responsável por movimentar US\$ 8 bilhões no varejo ao ano, terá uma bolsa de negociação. Sediada no Panamá, a área será livre de impostos e tem previsão de ser inaugurada no fim do ano. É a primeira bolsa de diamantes da região e demanda investimento de US\$ 200 milhões. "O mercado na América Latina é capaz de crescer em ritmo de dois dígitos na próxima década", afirmou o presidente da bolsa, Eli Izhakoff, com exclusividade ao **Valor**. Ele espera que o Brasil desempenhe papel fundamental no centro de gemas e joias.

"Não vemos o Brasil apenas como mercado consumidor potencial. É também um maiores produtores de pedras preciosas do mundo e lar de uma indústria de joias inovadora e vibrante. A Bolsa de Diamantes do Panamá servirá como ponte que conecta a América Latina ao mundo", disse Izhakoff.

Apesar disso, o Brasil não tem empresas cadastradas na bolsa, nem que alugaram escritórios no edifício onde ela irá funcionar. Para tentar reverter a situação, a bolsa do Panamá fechou acordo com a Instituto Brasileiro de Gemas e Metais Preciosos (IBGM) em agosto.

"Como ainda vai ser inaugurada [a bolsa], só no ano que vem teremos um quadro mais delineado do que poderemos fazer na área de joias. Há boas oportunidades, já exportamos muito via Panamá. Mas é difícil, até em função do momento conturbado que estamos vivendo [tomar alguma decisão]", disse Hecliton Santini Henriques, presidente do IBGM. O mais provável, segundo ele, é esperar a inauguração da bolsa.

"Ano que vem é que vamos ver o que essa bolsa vai proporcionar. Se vai ser propulsora dos negócios", continuou Henriques. Ele integra o conselho da Bolsa de Diamantes do Panamá.

Ainda assim, Henriques afirmou que alguns produtores de diamantes brasileiros estão em processo adiantado para formalizar sua associação à bolsa.

Segundo Henriques, o IBGM está negociando espaço na bolsa para usar como plataforma para empresas brasileiras. A ideia é criar, junto com a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil), espaço para o Brasil.

"Vemos a criação da bolsa no Panamá com bons olhos, queremos estar lá para acompanhar de perto, mas o que vai se fazer só o futuro dirá. Vai depender dos parceiros e de quem vai ofertar. Vemos com cautela, não vai ser a salvação do mundo, mas é um bom instrumento e, estando presentes, vamos acompanhar as oportunidades", afirmou.

A brasileira Ali Pastorini, dona da joalheria Del Lima, é mais otimista. Ela é diretora do comitê de marketing da Bolsa de Diamantes do Panamá para a América Latina e responsável por divulgar o projeto na região.

"É um projeto excelente, que vai regularizar o comércio de diamantes e gemas. O Panamá fica só a seis horas do Brasil", disse Ali. Hoje quem trabalha com joias precisa encarar um voo pelo menos até Nova York. "O Brasil é um dos maiores produtores de gema no mundo, e ficar de fora deste projeto seria perder excelente oportunidade", afirmou a brasileira.

3-27/10/2014

Alcoa é alvo de processo tributário no Pará

Por **Olivia Alonso | De São Paulo**

A produtora de alumínio Alcoa é alvo de três processos que tramitam no Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), em que é acusada de não ter recolhido o valor devido em royalties pela extração de bauxita no município de Juruti, no Pará. Segundo a prefeitura, a empresa tem declarado valores inferiores aos corretos para o pagamento da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (Cfem).

A Alcoa recorreu de dois dos processos. No entanto, um deles - referente ao ano de 2012 - levou à inscrição da empresa na Dívida Ativa da União, em 13 de agosto, e também no Cadastro Informativo (Cadin) de créditos não quitados. O valor dessa dívida é de R\$ 6,6 milhões, segundo publicação no Diário Oficial da União. Feitas as atualizações, alcançaria R\$ 7,5 milhões, afirma a consultoria SMIG, que foi contratada pela prefeitura como auxiliar técnica no caso.

Na soma dos três processos, a dívida fica em torno de R\$ 27 milhões, já que os outros dois são de R\$ 9,5 milhões e R\$ 11 milhões, considerando os valores sem atualizações.

Caso a Alcoa não quite a dívida, pode ter seus alvarás de atividades e suas licenças e autorizações de extração de bauxita cancelados no município.

A unidade da empresa em Juruti é uma das maiores do país na mineração de bauxita. Em 2013, foi responsável por 13% da produção brasileira, com 4,4 milhões de toneladas de um total de 33,8 milhões. O Brasil exportou 8,4 milhões de toneladas no ano passado, um quarto da sua produção, de acordo com dados da Associação Brasileira do Alumínio (Abal).

Segundo o Secretário de Tributos de Juruti, Gustavo Guerreiro, a Alcoa é responsável por aproximadamente 14% da arrecadação do município, com cerca de R\$ 1 milhão de um total de R\$ 7 milhões ao mês. O valor inclui tanto a Cfem como o imposto sobre serviços (ISS).

"É um valor significativo. Não podemos ser cobrados por omissão", afirma o prefeito da cidade, Marco Aurélio Dolzane do Couto (PSD). Ele afirma ao **Valor** que a Alcoa "é parceira" do município e faz um trabalho importante na esfera social. "Não queremos nada além daquilo que seja direito do município." Juruti tem cerca de 48 mil habitantes.

O que a prefeitura questiona é o valor da Cfem paga pela companhia, que nos últimos três anos variou entre R\$ 550 mil e R\$ 600 mil ao mês. Segundo a consultoria SMIG, a Alcoa teria incluído em suas contas alguns custos - com transportes, por exemplo - maiores do que os permitidos nas regras de cálculos do manual da Cfem, o que aumentou as deduções e reduziu o valor da compensação.

Apesar de a Cfem também ser paga ao Estado e à União, o município costuma ser a parte mais interessada na cobrança, já que recebe 65% do total. O governo estadual tem direito a 23% do valor recolhido e a União, 12%.

A Alcoa confirma que existem três processos em andamento, "nos quais o DNPM e a empresa discutem a base de cálculo da compensação". "Estes processos estão em fase de análise e julgamento pelos órgãos competentes", afirmou a companhia ao **Valor**.

A empresa afirma ainda que "cumpre rigorosamente a legislação brasileira e faz o devido recolhimento de todos os tributos e compensações pertinentes às suas operações". Entre 2009, quando iniciou suas operações em Juruti, e setembro de 2014, a empresa afirma que já recolheu cerca de R\$ 50 milhões em Cfem na cidade paraense.

Como a Cfem é declaratória, ou seja, é apurada e recolhida mensalmente pela própria mineradora, o DNPM é responsável pela fiscalização. Segundo o órgão, as prefeituras ou os governos estaduais podem participar, enviando seus fiscais, ou colaborar com o fornecimento de dados. Para isso, são celebrados acordos de cooperação técnica.

"As fiscalizações eventualmente detectam sonegadores, isto é, aqueles que pagaram espontaneamente menos do que deveriam. O contrário é raro". afirma o DNPM em nota ao **Valor**.

4-27/10/2014

ANGLO REALIZA 1º EMBARQUE DE MINÉRIO DE FERRO DO PROJETO MINAS-RIO

A Anglo American anuncia o primeiro embarque de minério de ferro do Projeto Minas-Rio, dentro do prazo e do orçamento previamente informados. O primeiro navio com mais de 80 mil toneladas de minério de ferro para o mercado de pellet feed foi carregado no terminal dedicado de exportação de minério de ferro no Porto do Açu, Rio de Janeiro, no dia 25 de outubro, e a embarcação está atualmente a caminho da China.

Mark Cutifani, presidente global do Grupo Anglo American, disse: “A realização do primeiro embarque de minério de ferro do Projeto Minas-Rio é uma grande vitória do nosso time e um dos três principais compromissos com nossos acionistas este ano. O Minas-Rio é um depósito mineral excepcional em termos de escala e qualidade, o que nos permitirá disponibilizar pellet feed da mais alta qualidade no mercado para nossos clientes no Oriente Médio e Ásia, proporcionando-nos uma clara vantagem competitiva. Apesar do cenário desfavorável de preços que vivemos no momento, a característica integrada do Sistema Minas-Rio, da mina ao porto, nos garante custos operacionais atrativos e nos permitirá manter uma posição competitiva a longo prazo.”

Paulo Castellari, presidente da Unidade de Negócio Minério de Ferro Brasil da Anglo American, acrescentou: “Estamos muito contentes com a realização do primeiro embarque do Projeto Minas-Rio e essa é uma prova do grande esforço e dedicação de todo o time, incluindo nossas empresas contratadas, fornecedores, parceiros e o apoio das autoridades reguladoras e do governo no Brasil ao longo dos anos. Nosso foco daqui em diante é alcançarmos nossa capacidade de produção anual de 26,5 milhões de toneladas de minério de ferro nos próximos 18-20 meses, e na manutenção de licenças e de autorizações necessárias à medida que avançamos na nossa operação.”

Sobre o Projeto Minas-Rio

Um dos principais empreendimentos globais da Anglo American, o Minas-Rio atingirá uma capacidade anual de produção de 26,5 milhões de toneladas de minério de ferro. O projeto inclui uma mina de minério de ferro e unidade de beneficiamento em Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas, em Minas Gerais; o maior mineroduto do mundo, com 529 km de extensão e que atravessa 32 municípios mineiros e fluminenses; e o terminal de minério de ferro do Porto de Açu, no qual a Anglo American é parceira da Prumo Logística com 50% de participação, localizado em São João da Barra (RJ).

Fonte: Assessoria

5-27/10/2014

VALE ABRE MAIS DE 40 VAGAS PARA FORMAÇÃO DE JOVENS NO PA

A Vale vai abrir, na nesta segunda-feira (27), o processo seletivo para o Programa Formação Profissional (PFP). São mais de 40 vagas operacionais, nas áreas de mecânica

e elétrica, para a mina de níquel de Onça Puma, em Ourilândia do Norte (PA). Os candidatos precisam ter mais de 18 anos e ensino médio completo. O programa é dividido em duas etapas. Na fase de formação teórica, os participantes receberão bolsa-auxílio de R\$ 600. Já na fase prática do treinamento, a bolsa é de R\$ 1.325 mais os benefícios oferecidos pela Vale a seus empregados. Os interessados devem se inscrever, até o dia 2 de novembro, pelo website www.vale.com/oportunidades.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

6-27/10/2014

ABB APRESENTA FORTE CRESCIMENTO DE PEDIDOS DO 3º TRIMESTRE

A ABB apresentou um forte aumento de pedidos em todas as regiões no terceiro trimestre deste ano. O total de pedidos subiu para US\$ 11,2 bilhões, impulsionado por grandes encomendas como a da Vale, estimada em US\$ 103 milhões, para a automação do projeto de minério de ferro S11D.

As grandes encomendas, acima de US\$ 15 milhões, incluem um link de transmissão de energia na Europa, um projeto de automação de mineração nas Américas e uma usina de tratamento de gás na África. Os pedidos de base, abaixo de US\$ 15 milhões, aumentaram em todas as regiões. A estratégia de serviço da ABB resultou em um aumento de 10% em ordens de serviço no trimestre.

"Nosso programa de crescimento criou uma dinâmica saudável de serviços em todas as regiões. Estou animado em ver que ganhamos grandes projetos interessantes e em cinco trimestres consecutivos o crescimento dos pedidos de base", disse o CEO Ulrich Spiesshofer.

Em linha com uma carteira de pedidos mais baixa no início de 2014, a receita foi 6% inferior em US\$ 9,8 bilhões. A margem Ebitda foi de 14,3% no terceiro trimestre, contra 15,7% de um ano antes, que refletiu receitas inferiores e o resultado em Sistemas de Potência (PS).

"Em PS, alcançamos marcos significativos na execução de projetos, diminuimos o risco do portfólio implementando um novo modelo de negócios para projetos de energia eólica offshore," disse Spiesshofer.

O lucro líquido foi de US\$ 734 milhões e o resultado básico por ação foi de US\$ 0,32. As medidas visadas de gestão de capital de giro líquido apoiaram o caixa das operações, que aumentou 29% nos primeiros nove meses. A ABB iniciou o programa de recompra de ações de US\$ 4 bilhões, anunciado em setembro, comprando um valor de aproximadamente US\$ 350 milhões durante o trimestre.

"Estamos conduzindo o crescimento lucrativo por meio da penetração de mercado, inovação e expansão, visando o crescimento à frente da economia global. Iremos gerenciar, de forma cautelosa, os custos e o caixa conforme as perspectivas em curto prazo para a economia global, que está cada vez mais incerta. Toda a diretoria tem tomado medidas decisivas em linha com nossa estratégia Next Level, que foi anunciada no Capital Market Day, em setembro", declarou o CEO. Com informações do Jornal da Energia.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

7-27/10/2014

MP em SP denuncia Eike Batista e 7 ex-diretores da OGX

ESTADÃO conteúdo

O empresário Eike Batista e sete ex-diretores da OGX estão sendo denunciados por crimes contra o mercado de capitais. O Ministério Público Federal em São Paulo acusa os executivos de induzir milhares de investidores a erro ao anunciarem informações inverídicas sobre a capacidade de exploração das reservas de petróleo nas bacias de Campos e Santos.

Entre 2009 e 2013, a OGX divulgou ao mercado 55 fatos relevantes, com informações de estimativas de grandes volumes de gás e petróleo a ser extraído em poços dos complexos de Fortaleza, na bacia de Santos, e de Waimea, Pipeline e Vesúvio, na bacia de Campos, as quais não se confirmaram.

Além disso, diz o MP, estudos internos e encomendados pela empresa apontaram desde 2011 a inviabilidade econômica das áreas devido a custos elevados de operação ou mesmo à inexistência de tecnologia para explorá-las, o que não foi revelado na ocasião. Apenas em julho de 2013, a OGX informou aos investidores a suspensão de atividades em alguns poços da bacia de Campos e a possibilidade de cessão da produção em outros, o que fez as ações caírem - de R\$ 23,39 em outubro de 2010 para a casa dos centavos. "Estima-se que o prejuízo suportado pelo mercado financeiro devido à desvalorização registrada entre 2010 e 2013 seja superior a R\$ 14,4 bilhões", menciona o MP.

"Tais fraudes atingiram diretamente a credibilidade e a eficiência do mercado de capitais brasileiro ao contaminar, no período de 2009 a 2013, a negociação de milhões de ações da OGX e da OSX, com o envolvimento de agentes financeiros, igualmente

ludibriados pelas falsas informações produzidas em seu âmbito", escreveu a procuradora da República Karen Louise Jeanette Kahn, autora da denúncia (que pode ser acompanhada pelo número 0012738-91.2014.4.03.6181).

Foram denunciados Paulo Manuel Mendes Mendonça (ex-diretor de exploração e ex-diretor-presidente da OGX), Marcelo Faber Torres e Roberto Bernardes Monteiro (ex-diretores financeiros e de relações com investidores), Reinaldo José Belotti Vargas (ex-diretor de produção), Paulo de Tarso Martins Guimarães (ex-diretor de exploração), Luís Eduardo Guimarães Carneiro (ex-presidente da OGX e da OSX) e José Roberto Penna Chaves Faveret Cavalcanti (ex-diretor jurídico).

"Todos cometeram crimes contra o Sistema Financeiro Nacional, incluindo delitos contra o mercado de capitais", conforme a denúncia do MP, incluindo falsidade ideológica, indução de investidores a erro, formação de quadrilha e manipulação do mercado de capitais - à exceção de Eike, que já responde por essa infração em ação penal movida pela Procuradoria da República no Rio de Janeiro. Se condenado, Eike Batista pode ser obrigado a cumprir de quatro a quatorze anos de prisão. A pena dos outros executivos denunciados pode chegar 22 anos.

8-28/10/2014

Setor aposta em saída do PMDB do Ministério das Minas e Energia Por Daniel Rittner | De Brasília

Enfraquecida nas urnas, a ala do PMDB que controla politicamente o Ministério de Minas e Energia deve deixar o comando da pasta no segundo mandato da presidente Dilma Rousseff. Essa é a aposta, praticamente unânime, de executivos do setor e dos próprios interlocutores de Dilma. Todos estão convencidos de que, para desatar os nós enfrentados na área energética em 2015, uma mudança é praticamente certa.

As fichas se voltam para nomes que combinem qualificação técnica e capacidade de recuperar o diálogo com as associações do setor elétrico. Giles Azevedo, ex-chefe de gabinete da presidente e peça-chave no comitê de campanha, é um dos cotados. Geólogo de formação, ele foi secretário de mineração quando Dilma esteve à frente do ministério. Giles já havia sido presidente da Sulgás, distribuidora de gás no Rio Grande do Sul, quando a presidente era secretária estadual de energia.

Há quem diga ainda que Dilma simpatizava, até pouco tempo atrás, com a ideia de "puxar" para Brasília o atual diretor-geral de Itaipu, Jorge Samek. O político paranaense, que acumula 12 anos na chefia do lado brasileiro da empresa binacional,

sempre foi considerado da ala mais lulista do PT, mas suas qualidades - habilidade negociadora e conhecimento técnico - o credenciariam como candidato ao ministério. Joga contra, porém, o fato de que o PT do Paraná tem sido atingido pelos depoimentos feitos na delação premiada do doleiro Alberto Youssef.

O que está claro, segundo um executivo do setor experiente no trato com o governo, é a disposição da presidente em atacar desajustes como o encarecimento da eletricidade paga pela indústria e o crescimento de desequilíbrios financeiros de geradoras e distribuidoras. Durante a campanha, quem conversou com Alessandro Teixeira, coordenador do programa de governo de Dilma, saiu com a certeza de que ela não está totalmente satisfeita com os rumos do setor elétrico.

"Ela não podia acusar o golpe nos últimos meses, para não dar munição [a Aécio Neves], mas agora deve mudar", disse um ex-auxiliar da presidente, referindo-se a mexidas no Ministério de Minas e Energia. No mercado, não se descarta a busca por um superexecutivo, seja ele de uma empresa do setor elétrico ou de uma grande indústria. Mas essa possibilidade é tida como pouco provável.

Ninguém mais aposta na continuidade do ministro Edison Lobão, cujo grupo político saiu bastante desfalcado das eleições. O senador José Sarney (PMDB-AP) e sua filha, Roseana, ficam sem mandato a partir de janeiro. Edison Lobão Filho, que tentava suceder Roseana Sarney no governo do Maranhão, foi derrotado no primeiro turno e só volta ao Senado na condição de suplente do pai. O próprio Lobão teve seu nome citado, sem provas, nos escândalos da Petrobras investigados pela Operação Lava-Jato.

Tão grande quanto a expectativa sobre uma troca de comando no ministério é sobre a dimensão das mudanças. O secretário-executivo Márcio Zimmermann e o presidente da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), Maurício Tolmasquim, são os principais formuladores de políticas no setor e detêm a confiança absoluta da presidente. Na iniciativa privada, a avaliação geral é que o novo ministro assumirá diretamente o diálogo com as empresas, substituindo o papel exercido por Zimmermann.

9-28/10/2014

Déficit da balança no ano soma US\$ 1,880 bilhão

Por **Lucas Marchesini** | Valor

BRASÍLIA - A balança comercial brasileira teve um déficit de US\$ 602 milhões na quarta semana de outubro, informou hoje o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic).

Foram US\$ 3,793 bilhões em exportações e US\$ 4,395 bilhões em importações. Dessa forma, o resultado acumulado no mês é deficitário em US\$ 1,186 bilhão. No ano, ele é negativo em US\$ 1,880 bilhão.

A média diária das exportações caiu 19% nas quatro primeiras semanas de outubro em relação a todo o mês de 2013, passando de US\$ 992,2 milhões para US\$ 803,2 milhões. Esse resultado se deve a uma queda na venda de produtos básicos e manufaturados.

Os produtos básicos tiveram um queda de 16,3% na média diária nas quatro primeiras semanas de outubro quando comparada com todo o décimo mês de 2013, ao passar de US\$ 418,7 milhões na média de outubro de 2013 para US\$ 350,3 milhões no acumulado deste mês. Os principais retrocessos foram em soja em grão, minério de ferro, milho em grão, farelo de soja e fumo em folhas.

Os bens manufaturados, por sua vez, tiveram baixa de 29,1% na mesma comparação. A média diária das vendas desses produtos ao exterior passaram de US\$ 427,5 milhões em outubro de 2013 para US\$ 303,2 milhões nas quatro primeiras semanas deste mês. Esse resultado foi influenciado pelas menores vendas de automóveis de passageiros, aviões, motores para veículos, autopeças, motores e geradores e máquinas para terraplanagem.

Já os semimanufaturados tiveram alta de 2,5% ao passar de US\$ 123,1 milhões em outubro de 2013 para US\$ 126,2 milhões na média diária do acumulado deste mês. Essa alta foi encabeçada por celulose, couros e peles, ferro-ligas, açúcar em bruto, semimanufaturados de ferro/aço.

As importações caíram 13,3% nas três primeiras semanas de outubro (US\$ 869,1 milhões) quando comparada com a média do mesmo mês em 2013 (US\$ 1,002 bilhão). Nesse comparativo, decresceram principalmente os gastos com combustíveis e lubrificantes (-35,5%), veículos automóveis e partes (-25,4%), siderúrgicos (-15,9%) e equipamentos mecânicos (-12,4%).

10-28/10/2014

Porto do Açu faz primeiro embarque de minério

Por **Francisco Góes** | **Do Rio**

O porto do Açu, em São João da Barra (RJ), concluiu, no sábado, o primeiro embarque de minério de ferro do projeto Minas-Rio, da Anglo American. O navio "Key Light" carregou 80 mil toneladas da commodity com destino à China. O embarque, importante para a mineradora, marca também uma nova fase para o porto, que é controlado pela Prumo Logística Global. A empresa está investindo R\$ 1,49 bilhão no Açu este ano. No ano que vem, os investimentos vão continuar focados em obras para permitir a prestação de serviços à indústria de petróleo e gás.

Os investimentos no Açu em 2015 devem ser um pouco menores do que os previstos pela Prumo para 2014. E para fazer frente a esses investimentos a partir do ano que vem a empresa analisa realizar um aumento de capital, conforme já comunicado ao mercado. A Prumo é a antiga LLX Logística, de Eike Batista, agora controlada pela EIG Global Energy Partners.

O presidente da Prumo, Eduardo Parente, disse que o carregamento do primeiro navio com minério de ferro representou um marco histórico para o Açu. E acrescentou: "Agora estamos focados em iniciar a movimentação de embarcações no Terminal 2 até o fim do ano."

O Açu tem dois terminais portuários: o Terminal 1 (T1) e o Terminal 2 (T2). No T1, está localizado o terminal dedicado aos embarques de minério de ferro. Esse terminal pertence à Ferroport, controlada em partes iguais pela Prumo e pela Anglo American. Ontem, em nota, o presidente global da Anglo, Mark Cutifani, classificou como uma "grande vitória" o primeiro embarque de minério de ferro do projeto Minas-Rio. O projeto, que enfrentou muitas dificuldades, inclui mina e unidade de beneficiamento em Minas Gerais, um mineroduto de 529 quilômetros e o terminal portuário no Açu.

Parente disse que no T1 a empresa vai continuar a expandir o quebra-mar que protege o píer usado para embarque de minério de ferro. O objetivo da Prumo é usar esse quebra-mar para fazer operações de transbordo de petróleo a partir de 2016. A empresa está envolvida em negociações técnicas com mais de um cliente interessado em usar o T1 para operações de transferência de petróleo. A Prumo quer desenvolver o negócio de petróleo no T1 em diferentes fases, incluindo o transbordo, na primeira etapa, e operações de tancagem e mistura mais adiante.

No T2, a empresa trabalha em obras de dragagem, em serviços de outro quebra-mar e no cais de um canal de 13 quilômetros de extensão que deverá estar pronto para a navegação ainda este ano. No T2, estão instaladas empresas que fabricam equipamentos para a Petrobras, caso da Technip, NOV, Intermoor e Wärtsilä. A Edison Chouest também vai usar o Açu como base de apoio para navios que atendem plataformas de petróleo.

O Açu pretende desenvolver ainda projetos de geração de energia elétrica a partir da instalação de termelétricas a gás natural. O plano é atrair investimentos de térmicas em módulos que podem chegar, no total, a 3,3 gigawatts de (GW) de capacidade. Mas esse projeto tem enfrentado algumas dificuldades. Em setembro, a Prumo anunciou ter rescindido de forma unilateral contrato com a Eneva, antiga MPX, devido ao descumprimento de condições comerciais.

Também em setembro a Prumo concluiu a construção do cais do Terminal Multicargas (TMULT), um terminal próprio da empresa no T2. Esse terminal, que vai movimentar carga geral de empresas instaladas no porto e de outros clientes, aguarda as autorizações para início de operação, prevista para o primeiro semestre de 2015. Há previsão de que o terminal movimente bauxita na exportação e coque na importação a partir do ano que vem, mas Parente não citou os nomes dos clientes.

Mas a Prumo investe no TMULT também com o objetivo de atender a movimentação de outros tipos de carga, como equipamentos para projetos industriais, e contêineres, em

uma segunda fase. Para começar a operar, o TMULT está alugando equipamentos como guindastes e empilhadeiras.

Parente afirmou ainda que a empresa está em processo de homologação da profundidade do canal de acesso dos navios ao T2 e da elaboração de uma carta náutica do local, trabalhos que dependem de aprovação da Marinha do Brasil. Nesta semana, segundo Parente, foi finalizada a instalação de 28 boias de sinalização, que auxiliam os navios. Foram colocadas 18 boias no T1 e outras 10 boias no T2. O trabalho de instalação levou cerca de dois meses e contou com o apoio de embarcações que lançaram boias com peso de cerca de 28 toneladas cada uma.

11-28/10/2014

FEIRAS DE NEGÓCIOS BRASILEIRAS DESTACAM SETOR DE MINERAÇÃO NO CHILE

Na última semana, com o apoio da Embaixada do Brasil em Santiago, Chile, a Ubrafe – União Brasileira dos Promotores de Feiras apresentou o calendário 2015 ao mercado chileno.

De acordo com o chefe do Setor comercial da Embaixada em Santiago, Daniel Leitão Nogueira, o evento de apresentação da Ubrafe destacou a importância de estreitar as relações comerciais entre o Chile e o Brasil com foco na promoção comercial.

O evento contou com a presença de 25 pessoas e apoio da GOL Linhas Aéreas.

Daniel Leitão Nogueira declarou que o Brasil é considerado um mercado muito importante pelas empresas chilenas. “É o principal destino do investimento direto chileno no exterior e o quarto maior parceiro comercial deste país. Para as micro, pequenas e médias empresas chilenas, trata-se de mercado de mais fácil acesso, pela proximidade geográfica e cultural”.

Na ocasião, Alfredo Fróes, diretor da Ubrafe, ministrou uma palestra e apresentou as oportunidades de negócios das feiras de negócios brasileiras. De acordo com o Estudo Brasil: O País das Feiras, realizado em 2014, foram 2.222 Feiras de Negócios, considerando as Feiras B2B e as Feiras do Agronegócio.

Fróes destacou ainda, que as Feiras de Negócios da Ubrafe, com destaque para o setor de construção civil, mineração, agroindústria, turismo entre outros, devem receber expositores e compradores chilenos durante o ano de 2015.

“Feiras são instrumentos consagrados de promoção comercial e atração de investimentos. Facilitam a realização de negócios, a divulgação de produtos e serviços, e a projeção da marca-país”, o diretor, e completa, “Proporcionam também o estabelecimento de novos relacionamentos e a consolidação dos antigos, além de oferecem oportunidades de intercâmbio e atualização tecnológica”.

Este é um dos motivos da crescente participação de empresas chilenas nas feiras de negócios do Brasil, que muitas vezes, contam com o apoio da Pro-Chile, o serviço chileno de promoção comercial.

O evento faz parte da estratégia de internacionalização das Feiras de Negócios das associadas da Ubrafe, que irão acontecer nos principais pavilhões brasileiros de mais de 50 setores da economia durante o ano de 2015.

Existem muitos setores que são beneficiados com as realizações de feiras de negócios, como construção, industrial, metalomecânica, metalurgia e material elétrico, hotelaria, logística, impressão, sinalização, serigrafia, entre outros.

Estiveram presentes Mark Thiermann, gerente geral e representante de vendas do Chile da Gol Linhas Aéreas e Sarah Raniero, co-founder e Ceo da WhereInFair.

Fonte: Portal Radar

12-28/10/2014

CANCANA PRODUZ 1,2 MIL TONELADAS DE MANGANÊS EM RONDÔNIA NO 3º TRIMESTRE

A Cancana Resources informou nessa terça-feira (28/10) que a Brazil Manganese Corporation (BMC) produziu 1,2 mil toneladas de manganês no terceiro trimestre deste ano, sendo 250 toneladas vendidas como amostras comerciais. A BMC, antiga Rio Madeira Comércio Importação e Exportação de Minério, é uma joint venture formada com a Ferrometals BV, maior acionista da Cancana.

De acordo com o relatório da Cancana, o programa de exploração da BMC identificou, de julho a setembro, quatro alvos adicionais com potencial para mineralização. A mineradora canadense afirmou que o licenciamento necessário para a mineralização dessas novas áreas já está em andamento e elas devem servir de alimentação para minas já conhecidas, como Rio Madeira e Jaburi, ambas em Rondônia.

A BMC trabalha ainda em um novo plano de mina, voltado para o aumento da eficiência e extensão da vida útil das minas Jaburi e Neção. De acordo com a Cancana, os números de produção continuam a melhorar à medida que a empresa se concentra no aumento da eficiência das plantas de processamento de ambas as minas.

A mineradora afirmou que, nas duas primeiras semanas de outubro, a BMC já produziu mais que nos três últimos meses, alcançando 1.372 toneladas de manganês.

A Cancana informou ainda que concluiu as operações no projeto Valdirão, onde cerca de 20 mil toneladas de manganês foram armazenadas. Aproximadamente 2,5 mil toneladas de material foram processadas na planta de Rio Madeira e 510 toneladas de manganês granulado foram produzidas.

De acordo com o relatório, Cancana e BMC analisaram em conjunto o material estocado restante e, devido à baixa proporção de manganês granulado produzido por quantidade de material processado, as empresas decidiram encerrar o processamento de material em Valdirão. A BMC trabalha agora na implantação do plano de recuperação da área onde está localizada o projeto.

As atividades em Rio Madeira foram paralisadas por cinco semanas, enquanto melhorias foram implementadas. Durante o período, a planta operou em apenas um turno por dia, permitindo que a BMC fizesse as correções necessárias nas operações.

Segundo a Cancana, melhorias adicionais para as plantas incluem a instalação de iluminação elétrica que permitirá o trabalho em dois turnos diários. Estas melhorias estão previstas para serem concluídas durante o mês de novembro.

"A equipe BMC fez um excelente trabalho ao reunir os três ativos [adquiridos da Eletroligas no mês passado) e melhorar a capacidade de todos em busca de atingir os padrões de mineração canadenses. Agora que as plantas estão em produção, estamos no caminho para atingir as metas de produção no final deste ano", afirmou Anthony Julien, CEO da Cancana.

A Rio Madeira é uma mina de manganês que esteve em operação nos últimos oito anos. A operação produz minério granulado de vários tamanhos e fica próximo do projeto de manganês Valdirão, em Rondônia. Rio Madeira tem 15 direitos minerários para uma área aproximada de 62 mil hectares.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

13-28/10/2014

NOVA ZELÂNDIA TRAZ PARA O BRASIL SOFTWARE 3D PARA MINERAÇÃO

Software neozelandês Leapfrog Geo está disponível no Brasil e é usado pelas principais mineradoras do País

O LeapFrog Geo é o primeiro software de modelagem implícita 3D desenvolvido na Nova Zelândia para a mineração. Ele facilita o trabalho de modelagem geológica tornando o processo mais rápido, dando aos geólogos mais tempo para avaliar e considerar todos os processos que afetam a operação de uma mina. Dessa forma, aumenta-se a segurança na extração do minério e diminuem-se os riscos de erros durante o processo.

O software é inovador porque agiliza processos que normalmente tomariam muito tempo dos geólogos de minas. Antes, o profissional conseguia produzir apenas um modelo, uma linha de desenvolvimento, e essa limitação aumentava as possibilidades de

erros. A agilidade do programa proporciona àqueles que tomam as decisões, maior confiança na modelagem desenvolvida.

“O software é importante para todo o processo de mineração, começando pela descoberta de novas jazidas, passando pelo cotidiano operacional, até chegar ao fim da vida útil do corpo de minério, quando se discutirá se vale a pena desativá-lo ou se deve procurar jazidas próximas para aproveitar a estrutura existente”, explica Ignacio Torresi, gerente da ARANZ Geo no Brasil, empresa neozelandesa e desenvolvedora do software.

Mercado Brasileiro

Torresi foi contratado há um ano pela ARANZ Geo para impulsionar os negócios da empresa no Brasil e América Latina. O executivo é formado em Geologia pela Unicamp tem experiência internacional em vários mercados, como Australásia, América do Sul e América do Norte.

No Brasil, as maiores empresas de mineração já utilizam o Leapfrog no seu dia a dia. “Votorantim, AngloGold Ashanti e Yamana são algumas das empresas que já trabalham com o Leapfrog. Com o escritório no Brasil, inaugurado em 2014, já estamos aumentando nossa carteira de clientes e expandindo para outras áreas também importantes como construção civil e de minas, reservas hídricas e energia geotermal”, afirma Torresi.

Entre os benefícios do Leapfrog para os geólogos destacam-se a confiança na segurança dos modelos, a diminuição no tempo despendido no processo, o aumento na produtividade e a facilitação da auditoria. Os gráficos em 3D do Leapfrog aceleram a compreensão e proporcionam um meio de comunicação.

Os desenvolvedores ressaltam ainda que para as empresas, o Leapfrog Geo oferece flexibilidade estratégica, reduz custos e aumenta o retorno sobre o investimento (ROI). O recurso 3D aumenta o consenso e o compromisso das partes interessadas. A usabilidade e a grande eficiência do programa ajudam no uso eficaz da mão-de-obra disponível e fazem com que o processo de modelagem seja auditável.

Empresas de diversas áreas da cadeia de produção de mineração já participaram em projetos mineiros de todos os tamanhos na Austrália e ao redor do mundo. O setor oferece uma ampla gama de conhecimento, a partir de soluções de segurança e de alta tecnologia.

Fonte: Site IBRAM

14-28/10/2014

ANGLOGOLD ASHANTI VAI INVESTIR R\$ 1,850 BILHÃO

Recursos serão aplicados em pesquisa e ampliação da produção de ouro na mina Córrego Sítio, em Santa Bárbara

A AngloGold Ashanti vai investir R\$ 1,850 bilhão na ampliação da produção de ouro na mina Córrego Sítio, em Santa Bárbara, na região Central do Estado. Os recursos serão aplicados em diversas áreas. Entre elas, abertura de cava, ampliação de pilhas de rejeitos, planta de beneficiamento, estradas internas e pesquisa mineral. A empresa já solicitou as licenças ambientais, em diferentes etapas, à Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad), que julga hoje os pedidos.

Em nota, a mineradora afirmou à reportagem que o objetivo dos aportes em Córrego Sítio é "continuar com os projetos de desenvolvimento, garantindo a maximização das escalas de produção propostas no life of mine (vida útil) da mina". A empresa informou ainda que a produção deste ano no ativo deve fechar em 101 mil onças de ouro, 73 mil onças provenientes das atividades subterrâneas e 28 mil onças das minas a céu aberto.

Um dos pedidos que será julgado hoje pela Semad - e que já tem parecer favorável - é a licença prévia (LP), concomitante com a licença de instalação (LI), para ampliação da pilha de estéril Crista, que demandará inversão de R\$ 400 mil. Para começar a operar com a pilha já ampliada, a AngloGold terá que cumprir 11 condicionantes estabelecidas pelo órgão ambiental.

A mineradora também solicitou licença de operação (LO) para abertura de uma cava denominada João Burro. Neste caso, os investimentos também contemplam pilhas de rejeitos e estradas internas para melhorar o acesso ao local. Os aportes, considerando-se a abertura da cava e a ampliação da pilha de rejeitos somam R\$ 700 mil.

Outra LO que será julgada hoje destina-se à ampliação da cava Rosalino, incluindo uma planta de beneficiamento e o depósito de estéril Cachorro Bravo. A mineradora já cumpriu cinco condicionantes e uma ainda está para ser concluída. O aporte nestas estruturas será de R\$ 450 mil, de acordo com as informações da empresa.

Mediante inversão de R\$ 300 mil, a AngloGold também terá a licença de operação para um projeto de pesquisa minerária julgada hoje pela Semad. Conforme relatório do órgão ambiental, estão previstos 183 sites de sondagem, abrangendo uma área total de 7,7 hectares. Para realizar os estudos, serão feitos furos de 100 metros a 250 metros de profundidade cada.

Com os aportes, a mineradora informou que, nas minas subterrâneas, alcançará já este ano uma produção de cerca de 600 mil toneladas de minério, nível que será mantido até 2019. De 2020 em diante, a produção alcançará 700 mil toneladas de minério por ano. Em termos da produção de ouro correspondente, serão produzidas aproximadamente 94 mil onças anuais até 2019, número que subirá para 120 mil onças por ano a partir de 2020.

Fonte: Diário do Comércio

15-28/10/2014

Geólogos estudam usar Aquífero Guarani para aliviar crise do Cantareira Agência Brasil

Geólogos da Universidade de São Paulo (USP) elaboram um estudo para saber se é possível retirar água do Aquífero Guarani para abastecer a região de Piracicaba, aliviando o Sistema Cantareira. A proposta é analisar a viabilidade da construção de 24 poços artesianos no município de Itirapina, região oeste do estado, onde o aquífero pode ser acessado de forma rasa. A análise será apresentada, em aproximadamente um mês, ao comitê criado pelo governo estadual para administrar a crise hídrica no Cantareira. Hoje (27), o sistema chegou a 13% da capacidade de armazenamento, após o início da utilização da segunda cota do volume morto.

O professor Reginaldo Bertolo, do Instituto de Geologia, explica que o estudo inclui a simulação, por meio de um modelo matemático, da extração de 150 mil litros de água por hora. "Queremos avaliar se o aquífero suporta essas vazões em longo prazo", apontou. A análise baseia-se em um artigo publicado em 2004 por um grupo da Universidade Estadual Paulista (Unesp). De acordo com o trabalho, a região de Piracicaba fica distante cerca de 60 quilômetros (km) em linha reta, o que diminui os custos de um transporte da água direta para a capital. Outra vantagem é que o desnível geográfico entre as regiões de captação e consumo favorece o deslocamento.

Mesmo em fase de pré-viabilidade técnica, Bertolo acredita que essa pode ser uma alternativa interessante para o abastecimento de parte da região que deveria receber água do Cantareira. Ele destaca, no entanto, que é preciso fazer o uso sustentável dessa água para evitar novas crises. "A gente precisa ter a recarga no aquífero para que ele continue dando água. Se a gente tiver em longo prazo a certeza de que a chuva vai continuar caindo e o aquífero recarregado, uma vazão de 1 metro cúbico por segundo é uma vazão segura", apontou. O Aquífero Guarani é a maior reserva estratégica de água doce da América Latina.

Atualmente, o aquífero abastece a maior parte das cidades do oeste paulista. "Observe que a crise de abastecimento de água está mais crítica nos municípios do centro-leste do estado", avaliou. Isso ocorre, segundo Bertolo, porque eles têm maior segurança hídrica com a água oriunda dos aquíferos Bauru e Guarani. Entre os municípios abastecidos dessa forma, o professor destaca Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Araçatuba, Presidente Prudente, Marília, Bauru, entre outros. Ele explica que a profundidade das águas subterrâneas exige tecnologia complexa de engenharia, similar à utilizada para encontrar petróleo, para cavar os poços profundos.

16-28/10/2014

Transportadora não precisa ressarcir seguradora por roubo de ouro da Vale Por **Beatriz Olivon** | De São Paulo

A 4ª Turma do Superior Tribunal de Justiça (STJ) manteve decisão que impede a Unibanco AIG - atualmente representada pelo Itaú - de cobrar R\$ 4 milhões da Norsergel Vigilância e Transportes de Valores. A seguradora tenta responsabilizar a empresa pelo roubo de uma carga de 290 quilos de ouro da Vale.

No caso, a seguradora tinha como cliente a Prosegur, que subcontratou a Norsergel para realizar um trecho do transporte do ouro. A carga foi roubada no aeroporto de Carajás, em 1999, sob a responsabilidade da subcontratada. A Vale foi indenizada pelos prejuízos.

A questão foi analisada pela 4ª Turma do STJ no fim de setembro. Os ministros negaram provimento a um agravo regimental apresentado contra decisão monocrática do relator do caso, ministro Antonio Carlos Ferreira, proferida em 2012.

Na monocrática, o ministro manteve decisão do Tribunal de Justiça do Pará (TJ-PA), que concluiu pela inexistência de responsabilidade da Norsergel. De acordo com a Corte estadual, foram adotadas as cautelas necessárias e "o evento danoso não poderia ter sido evitado".

O ministro deu parcial provimento ao recurso apresentado pela Unibanco AIG, analisando só questão processual. A seguradora também tentou levar o caso para o Supremo Tribunal Federal (STF). Mas a subida do recurso foi negada.

No processo, a Unibanco AIG alega que a atividade-fim da Norsergel não era só o transporte da carga, mas também a sua custódia. De acordo com a seguradora, pelo fato de ser o furto ou o roubo de carga um evento previsível, a subcontratada poderia ser responsabilizada. Ela argumenta ainda que, no caso, os bandidos não encontraram qualquer resistência por parte da empresa de transporte e vigilância.

Para a seguradora, a responsabilidade das empresas de transporte de valores e vigilância é integral, por causa das atividades por elas desenvolvidas, o que tornaria impossível argumentar que roubo ou furto seria caso fortuito e de força maior.

O advogado da Norsergel, Ernesto Tzirulnik, destacou que, no caso, permaneceu o entendimento de que a responsabilidade pelo transporte de valores não é integral. É objetiva e, portanto, pode ser excluída. "Se o STJ entendesse que a responsabilidade era integral e não objetiva, não haveria que se falar em força maior. Pouco importaria discutir fatos ou o contrato e os ministros poderiam julgar o caso. Mas o tribunal entendeu que a responsabilidade é objetiva", disse Tzirulnik.

A decisão, segundo o advogado João Marcelo dos Santos, sócio do Demarest Advogados, serve de alerta para as seguradoras, que podem especificar melhor os contratos de seguro. "No caso, é preciso analisar o contrato. É uma questão de provas, e isso cabe às instâncias inferiores", afirmou o advogado.

Gloria Berredo, uma das advogadas da Unibanco AIG no caso, informou que ainda cabe recurso no processo. Ela aguarda a publicação da decisão. Para o advogado da Norsegel, porém, não haveria mais a possibilidade de recurso.

Procurados pelo **Valor**, o Itaú, atual representante da Unibanco AIG, e a Prosegur preferiram não comentar a questão.

17-29/10/2014

Usiminas vendeu 10,5% menos aço no 3º trimestre

Por Beth Moreira | Estadão Conteúdo

As vendas de aço da Usiminas somaram 1,4 milhão de toneladas entre julho e setembro de 2014, o que representa um recuo de 10,5% ante o registrado no mesmo período do ano passado. Na comparação com o segundo trimestre, a queda foi de 4%.

No seu balanço financeiro, a empresa detalha que as exportações aumentaram 52,9% na comparação com as registradas no segundo trimestre, com o crescimento de vendas de placas em 98,7 mil toneladas e chapas grossas em 18,5 mil toneladas. Os principais destinos das exportações foram os Estados Unidos e o México.

Já o volume do mercado interno recuou 13,9% em relação ao do segundo trimestre, devido à forte queda da demanda no mercado doméstico. O mix de vendas registrado foi de 76,0% no mercado interno e 24,0% nas exportações.

Minério de ferro

As vendas de minério de ferro da Usiminas somaram 1,238 milhão de toneladas no terceiro trimestre de 2014, um recuo de 32% ante igual período do ano passado. Na comparação com o segundo trimestre a queda foi de 15%. Em seu balanço financeiro, a empresa explica que o menor volume se deve à não realização de exportações e também à fraca demanda de terceiros no mercado interno.

Conforme a siderúrgica, o volume de minério de ferro destinado às usinas de Ipatinga e Cubatão foi de 1 milhão de toneladas, 5,1% superior ao do segundo trimestre do ano. A produção de minério de ferro, por sua vez, totalizou 1,434 milhão de toneladas entre julho e setembro, um aumento de 18,2% sobre o registrado um ano antes, mas um recuo de 8% ante o segundo trimestre de 2014.

A receita líquida na Unidade de Mineração foi de R\$ 107,4 milhões no terceiro trimestre, uma redução de 47,0% quando comparada ao segundo trimestre, devido ao menor volume de vendas e menor preço do minério de ferro no mercado, explica a empresa.

A Usiminas informa que a referência de preços do Platts ajustada para o período de formação de preço de venda da Mineração Usiminas, CFR China 62% Fe, foi de US\$ 110/t no segundo trimestre do ano para US\$ 94/t no terceiro trimestre, representando uma desvalorização de 14,6%. Os investimentos na área de mineração alcançaram R\$ 16,2 milhões entre julho e setembro, 41,8% abaixo do montante investido no segundo trimestre, principalmente em função da redução de gastos na fase final do Projeto Friáveis.

MRS

A Mineração Usiminas detém participação na MRS Logística por meio de sua subsidiária UPL - Usiminas Participações e Logística S.A.. A MRS transportou 43,1 milhões de toneladas no terceiro trimestre, um aumento de 4,2% em relação ao trimestre imediatamente anterior, o que representou recorde de volume trimestral. A MRS Logística é uma concessionária que controla, opera e monitora a Malha Sudeste da Rede Ferroviária Federal.

18-29/10/2014

Preço do minério de ferro se aproxima de mínima de 5 anos na China

Reuters

(Reuters) - O preço do minério de ferro na Ásia recuou mais um pouco nesta quarta-feira no mercado à vista, para perto do menor nível desde 2009, em meio à oferta abundante e à lenta demanda antes de paradas temporárias ou cortes de produção por siderúrgicas na China, à medida que Pequim busca limitar poluição durante encontro de cúpula da Apec, no próximo mês.

O preço para entrega imediata na China fechou com leve baixa 0,25 por cento nesta quarta-feira, a 78,60 dólares, perto dos 77,50 dólares a tonelada verificados ao final do mês passado, menor patamar desde setembro de 2009, segundo dados compilados pelo Steel Index.

Algumas siderúrgicas em Hebei, principal província produtora de aço da China, receberam pedidos para reduzir ou suspender a produção durante a cúpula da Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (Apec), prevista para 7 a 12 de novembro, com o objetivo de melhorar a qualidade do ar na capital do país.

O banco Credit Suisse estimou que de 20 a 30 por cento da produção poderia ser afetada, se a poluição piorar durante a Apec, acrescentando que provavelmente as usinas atrasariam seus planos de produção até depois da cúpula.

Os contratos futuros do aço subiram 1,7 por cento na bolsa de Xangai, para 2.589 iuanes por tonelada.

O minério de ferro, por sua vez, registra fortes perdas este ano por conta da expansão da produção na Austrália e no Brasil --a Vale produziu volume recorde no terceiro trimestre--, enquanto a demanda por aço está crescendo a taxas mais lentas na China, principal consumidor global.

As ações da Vale, maior produtora global de minério de ferro, operavam em queda no início dos negócios desta quarta-feira.

A queda do minério de ferro tem afetado o desempenho da mineradora, com impactos esperados para o resultado financeiro do terceiro trimestre, que deverá ser divulgado na quinta-feira.

(Por Manolo Serapio Jr em Cingapura, David Stanway em Pequim e reportagem adicional de Roberto Samora, em São Paulo)

19-29/10/2014

Vale deve sentir efeitos do preço do minério no 3º tri

A queda nos preços do minério de ferro no mercado internacional está levando analistas de bancos a prever resultados mais fracos para a Vale no terceiro trimestre de 2014, cujos números serão conhecidos amanhã antes da abertura do pregão na BM&FBovespa. A expectativa é de que as vendas de minério de ferro, principal produto da empresa, tenham ficado abaixo das registradas em igual período de 2013. Com menores volumes de venda e preços mais baixos para a commodity, a Vale deve divulgar receita e lucro antes de juros, impostos depreciação e amortização (Ebitda) inferiores, no terceiro trimestre, na comparação com igual período do ano passado.

Fonte: Valor Econômico

20-29/10/2014

Mina da Gerdau obtém licença para produzir 116% mais

Produção de minério de ferro já havia sido ampliada em 2013

A Gerdau vai aumentar em 116,6% a produção de minério de ferro na mina Várzea do Lopes, em Itabirito, na região Central de Minas Gerais. Ontem, o pedido de Licença Prévia (LP) e Licença de Instalação (LI) para ampliar o ritmo de produção feito pela empresa foi aprovado pelo Conselho Estadual de Política Ambiental (Copam), da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad).

O aumento das atuais 6 milhões de toneladas de minério de ferro produzidas por ano para 13 milhões, para atividade de lavra a céu aberto, não exigirá novas estruturas ou instalações operacionais e de apoio nem intervenção em novas áreas, de acordo com documento disponível no Copam. Por outro lado, a ampliação do ritmo de produção vai reduzir a vida útil da cava de 14 anos para oito anos.

Durante a nova fase de operação para a maior produção de minério de ferro, além de ser mantido o mesmo efetivo de funcionários atual na Várzea do Lopes, será necessária a contratação de cerca de 200 novos empregados terceirizados. O trabalho acontecerá 24 horas por dia, em sistema de revezamento – serão três turnos de oito horas.

Para a realização do empreendimento será feito o rebaixamento de lençol freático, processo que já foi aprovado pelo Comitê de Bacias do Rio das Velhas. A vazão de rebaixamento e deságue autorizada foi de 624 metros cúbicos (m³) por hora, 24 horas por dia, ao longo de todo o ano, e não deve ser aumentada com a ampliação da produção.

Histórico. A produção de minério de ferro na mina de Várzea do Lopes já foi ampliada em 2013, quando passou de 1,5 milhão de toneladas para 6 milhões. No ano passado, a Gerdau embarcou para o mercado internacional 1,2 milhão de toneladas do produto.

Fonte: IBRAM

21-29/10/2014

Pesquisa da Química busca modelos mais eficientes para extração do cobre e produção do etanol

Compreender a estrutura e a reatividade química de um mineral é essencial para que a sua produção seja otimizada, o que reduz custos e danos ambientais do processo. Esse foi o objetivo da tese Reatividade química da superfície da calcopirita e mecanismo de separação da mistura etanol-água em metal-organic frameworks, vencedora do Grande Prêmio UFMG de Teses na categoria Ciências Exatas e da Terra e Engenharias.

A calcopirita (CuFeS₂), minério usado para extração de cobre (Cu), foi o objeto de estudo da primeira etapa do doutorado do pesquisador Guilherme Ferreira de Lima, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Química do ICEx. Segundo ele, o alto potencial do metal definiu a escolha da matéria-prima da qual se extrai o cobre. Só neste ano, o Brasil já produziu 475 mil toneladas de cobre. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), derivados da calcopirita geraram, em 2011, cerca de US\$ 8,7 bilhões para a economia do país.

Existe um problema de ordem econômica e ambiental para se obter o cobre. Dois processos principais são usados para extraí-lo da calcopirita: o pirometalúrgico e o hidrometalúrgico. Como ambos são pouco eficientes, o entendimento de como ocorrem as reações químicas na superfície do mineral durante o processo viabilizará a criação de métodos para que sua extração se torne mais rentável e menos poluente, explica Lima.

Pelo processo pirometalúrgico são obtidos 80% do cobre produzido no mundo, porém essa técnica só é viável para minerais com alta concentração de cobre. Seu principal inconveniente é a geração abundante de resíduos sólidos. O processo hidrometalúrgico, por sua vez, que funciona por meio da aplicação de ácido e de uma solução de ferro na superfície do minério, é alternativa mais viável para os minerais de baixa concentração de cobre.

O método mais usado no Brasil é o hidrometalúrgico, mas não entendíamos por que, depois de algumas horas, o processo de produção se encerrava. A ideia de analisar a

superfície da calcopirita por meio de química computacional pretendia entender esse processo em nível molecular. Assim, conseguiríamos criar uma solução para o fato de a reação química se encerrar de forma inesperada, diz o pesquisador.

A química computacional é uma área cujos experimentos não ocorrem em laboratórios. A metodologia da pesquisa baseou-se na aplicação de modelos físicos e matemáticos que simulam os processos químicos. A primeira parte do trabalho consistiu em encontrar um modelo capaz de representar a calcopirita (CuFeS₂). Constatamos que os átomos de enxofre que ficam na superfície do mineral não existem sozinhos, ou seja, estão sempre ligados um ao outro, formando pares. Antes se pensava que o enxofre (S) seria encontrado sob a forma de polímeros (S₃ ou S₄, por exemplo). Essa foi a primeira descoberta do estudo, explicita Guilherme de Lima.

O pesquisador ressalta que o trabalho foi direcionado para compreender a produção de cobre via processo hidrometalúrgico, daí o interesse em observar como água e ácido também reagem na superfície da calcopirita. Conseguimos provar, ainda, que a água (H₂O) se liga preferencialmente ao átomo de ferro (Fe) do material. Essas duas descobertas nos aproximaram do entendimento de como se dão, de fato, os primeiros passos da extração do cobre da calcopirita por meio de um processo hidrometalúrgico. Agora podemos caminhar para o desenvolvimento de técnicas mais eficientes para essa extração, diz.

Fonte: IBRAM

22-29/10/2014

Usiminas sai de lucro para prejuízo de R\$ 26 milhões no trimestre

Por **Renato Rostás** | Valor

SÃO PAULO - *(Atualizada às 8h52)* A Usiminas fechou o terceiro trimestre com prejuízo líquido atribuído a seus controladores de R\$ 26,1 milhões, depois de ter observado lucro de R\$ 70,5 milhões nos mesmos meses de 2013 nesse critério, que é a base para a distribuição de dividendos. A companhia sofreu com piora operacional, mas também com a desvalorização cambial.

A variação no resultado líquido final foi ainda maior: um prejuízo de R\$ 24,4 milhões no terceiro trimestre de 2014, contra um lucro de R\$ 128,6 milhões no mesmo intervalo de 2013.

A receita líquida da siderúrgica ficou 9,1% menor, sobre as mesmas bases de comparação, e atingiu R\$ 2,91 bilhões. Mesmo assim, a empresa viu os custos de vendas subir 1,5%, para R\$ 2,78 bilhões, comprometendo a rentabilidade.

O resultado antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) terminou os três meses em R\$ 344,5 milhões — queda de 35,5%. A margem sobre o indicador foi de 16,7% para 11,8% em um ano.

Mas a linha que mais pesou para influenciar no prejuízo foi a do resultado financeiro. A Usiminas registrou despesas líquidas na área de R\$ 232,5 milhões, praticamente o dobro do apresentado no terceiro trimestre do ano passado, quando a cifra foi negativa em R\$ 117,6 milhões.

Segundo a companhia, os efeitos cambiais no trimestre foram responsáveis por despesa de R\$ 164 milhões, contra gasto de R\$ 1,7 milhão no terceiro trimestre de 2013. Da dívida bruta de R\$ 6,83 bilhões da siderúrgica em setembro, 35,7% era em moeda americana.

Queda de vendas

A Usiminas viu as vendas de aço no terceiro trimestre cair 10,5%, perante igual período de 2013, e chegarem a 1,4 milhão de toneladas. O enfraquecimento da economia brasileira reduziu a demanda pelos produtos da companhia e explica, em grande parte, a redução.

Além disso, o segmento de mineração teve piora. As vendas do minério de ferro recuaram 32,3% e totalizaram 1,3 milhão de toneladas. A empresa informou que o volume foi significativamente menor porque não houve exportação nenhuma da commodity entre julho e setembro.

Para tentar equalizar a procura e a oferta, a Usiminas também reduziu a produção de aço bruto. Na usina de Ipatinga, o corte foi de 19,9%, para 799 mil toneladas. Em Cubatão, houve queda de 22,5%, para 608 mil toneladas. No período, por outro lado, a siderúrgica produziu mais minério — alta de 18,2%, para 1,4 milhão de toneladas.

O problema é que, além de vender menos aço no trimestre, a empresa também piorou o portfólio dos produtos. Isso porque as exportações passaram a representar 24% do total de vendas, contra 7% no mesmo trimestre de 2013. As vendas ao exterior costuma registrar margens muito baixas, ou até mesmo negativas.

Para exemplificar a perda de rentabilidade no período, a margem bruta da Usiminas despencou no terceiro trimestre: em um ano, foi de 14,2% para 4,3%. A margem operacional caiu de 7% para 1%.

(Renato Rostás | Valor)

23-29/10/2014

Projetos de infraestrutura precisam ser retomados

Relatório recente da Confederação Nacional dos Transportes (CNT) sobre o estado ruim de conservação das rodovias revela a necessidade urgente de o governo retomar os

projetos de concessão de infraestrutura que ficaram parados nos últimos meses por causa da campanha eleitoral. Segundo a CNT, desde 2013 aumentou em 15,6% o número de pontos críticos nas rodovias, com pontes caídas, buracos e trechos desmoronados.

Apesar de a concessão de rodovias ser a que mais avançou no Programa de Investimento em Logística (PIL), lançado em 2012, os investimentos efetivamente realizados nas estradas federais caíram 21,7% no último ano. Os cerca de 4,4 mil quilômetros de rodovias leiloadas no ano passado só passaram para a administração privada no primeiro semestre e não houve tempo para que fossem melhoradas. As novas concessionárias ainda montam os pacotes de financiamento para as obras mais urgentes.

Há outras concessões federais na fila. Já foram definidos pelo menos quatro trechos de rodovias com um total de 2,6 mil quilômetros no Sul, Sudeste e Centro-Oeste, além da Ponte Rio-Niterói, cuja concessão termina em maio e deveria ter sido renovada neste ano, mas também deve ficar para o próximo ano.

A situação é pior em outras áreas da infraestrutura. O desenlace da disputa eleitoral pode abrir espaço para a solução dos impasses nas áreas de portos e das ferrovias. As licitações de terminais em portos públicos, começando por Santos e pelo Pará, emperraram no Tribunal de Contas da União (TCU). O governo avalia que o TCU segurou os leilões mais por questões políticas do que técnicas e deve liberá-los.

Mas o setor privado afirma que os problemas vão além disso. Artigo do presidente da Associação Brasileira de Terminais Portuários (ABTP), Wilen Manteli, publicado no **Valor** (24/10), destaca que o novo marco legal dos portos, consubstanciado na Lei 12.815/2013, falha ao ter suprimido e não apenas aperfeiçoado os instrumentos de governança da legislação anterior. A nova lei concentrou no governo federal as decisões, abolindo o poder deliberativo dos conselhos de autoridade portuária e das Companhias Docas, deixando a gestão portuária à mercê do corporativismo dos agentes públicos, segundo Manteli. Até mesmo iniciativas como o Porto 24 Horas e o Porto sem Papel têm esbarrado nesses problemas.

Nenhum dos 10 mil quilômetros de novas ferrovias foi leiloado até agora. Nesse caso, o problema ainda é o modelo desenhado pelo governo, em que a estatal Valec ficou responsável por garantir a compra da carga ao longo dos 35 anos de vigência da concessão. Para minimizar riscos, o governo deve tomar novas medidas que garantam a presença de interessados no leilão da Ferrovia de Integração do Centro-Oeste (Fico), o primeiro trecho a ser licitado, para o qual o governo foi buscar participantes na China e na Rússia.

No Congresso Nacional, há dois assuntos empacados (**Valor**, 27/10). Um deles é a proposta do novo código de mineração, apresentada pelo governo em junho de 2013. A proposta não avançou porque o relatório do deputado Leonardo Quintão (PMDB-MG), que foi reeleito e conta com apoio de governadores e prefeitos das localidades produtoras, contraria pontos essenciais do texto original ao definir as alíquotas de

royalties na própria lei e ao preservar as funções das empresas de pesquisa mineral. O governo terá agora que decidir se endossa as mudanças ou busca outro caminho, como uma medida provisória, para acelerar a reforma do marco regulatório.

No Senado, o projeto que altera a Lei de Licitações (8.666/93) também aguarda uma definição, embora já tenha relatório pronto, de autoria da senadora reeleita Kátia Abreu (PMDB-TO). Diante da polêmica em torno da mudança, o Palácio do Planalto trabalhou para que o plenário não votasse o projeto durante a campanha eleitoral. Outro tema mantido em suspensão foi a MP que autoriza a construção de novos aeroportos pelo setor privado.

Estudo da CNT e levantamento de pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) convergem para a estimativa da necessidade de investimento de aproximadamente R\$ 1 trilhão em obras na infraestrutura de transportes até 2030, apenas para estreitar a diferença do Brasil em relação aos seus principais competidores internacionais. A melhoria da infraestrutura faz parte da solução para estimular o crescimento e a competitividade econômica. Por isso, deve estar entre as prioridades do novo governo.

24-29/10/2014

ROBSON BRAGA DE ANDRADE TOMA POSSE PARA NOVO MANDATO NA CNI

Presidente da Confederação Nacional da Indústria aposta no aprofundamento do diálogo entre o setor produtivo e o governo para aumentar a competitividade do país

Reeleito por unanimidade, o empresário Robson Braga de Andrade iniciou nesta terça-feira (28), em Brasília, o segundo mandato como presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI). No discurso de posse, Andrade elogiou o seu antecessor no cargo e atual senador por Pernambuco, Armando Monteiro Neto. “Ele deixou a CNI organizada, respeitada e reconhecida como uma instituição de grande valor para a indústria brasileira e que realmente representa os interesses do setor”, afirmou.

O presidente da CNI se disse satisfeito com o trabalho realizado nos últimos quatro anos. Ele ressaltou que mesmo com a indústria passando por grandes dificuldades, foi mantido um diálogo importante com o Congresso Nacional e o governo em defesa das propostas para o crescimento do Brasil. Andrade falou ainda sobre a importância do Fórum Nacional da Indústria, com mais de 60 associações setoriais, fortalecendo a união entre os empresários e apoiando propostas da CNI.

A Mobilização Empresarial pela Inovação (MEI) também foi destacada por Andrade. “A MEI passou a fazer com que a inovação seja uma estratégia de desenvolvimento e de crescimento da indústria brasileira, e não apenas uma ação pontual”, garantiu.

Andrade encerrou o discurso falando do desafio para os próximos anos. “É hora de fazer o Brasil voltar a crescer. Reconhecemos as dificuldades que nós e os governos teremos pela frente, desde o câmbio até a alta carga tributária. Mas tenho certeza de que a CNI será uma grande aliada dos governos estadual e federal na busca por alternativas para o crescimento do país. Precisamos de mais competitividade e vamos trabalhar muito com o Congresso em busca do desenvolvimento.”

DIRETORIA - A diretoria empossada foi eleita por representantes das 27 federações de indústrias dos estados e do Distrito Federal. Com mandato de quatro anos, que vai até 2018, a nova direção da CNI tem como primeiro vice-presidente o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Paulo Skaf; como diretor financeiro, o presidente da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEP), Francisco Gadelha; e como diretor secretário, o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco (FIEPE), Jorge Côrte Real.

Na eleição, realizada no dia 13 de maio deste ano, concorreu apenas a chapa de consenso, encabeçada por Andrade. O mandato é de quatro anos.

COMPETITIVIDADE - Para o diretor secretário da CNI, Jorge Côrte Real, a diretoria assume em um momento especial da economia brasileira. “Temos que recuperar a competitividade da indústria, investir na capacitação, na inovação, criar ambientes propícios ao desenvolvimento e melhorar a questão do emprego”, afirmou.

O primeiro vice-presidente da CNI, Paulo Skaf, defendeu a união do setor produtivo em torno de propostas para o crescimento do país. “É unir para defender aquilo que realmente interessa ao país. O que nós queremos é o emprego, é o desenvolvimento, é a inovação, é a educação através do SENAI e do SESI. A agenda da indústria é uma agenda saudável para o Brasil”, afirmou.

BALANÇO POSITIVO - Para o diretor da CNI, Olavo Machado, o primeiro mandato do presidente Robson Braga de Andrade foi de muita valorização da indústria, principalmente com relação às reivindicações. “Infelizmente a economia não favoreceu o setor. Mas nós acreditamos que, nos próximos quatro anos, vamos conseguir avançar mais. A indústria valorizada pode ajudar o país crescer”, ressaltou.

DESTAQUES DO MANDATO - 2010/2014

Institutos SENAI

Criação de rede nacional com 26 Institutos SENAI de Inovação e 60 Institutos SENAI de Tecnologia

Matrículas SENAI

Matrículas no SENAI passando de 2 milhões em 2010 para 4 milhões em 2014

Mapa Estratégico da Indústria 2013-2022

O Mapa identifica os dez fatores chave para a competitividade brasileira

Propostas da Indústria para as Eleições 2014

42 estudos e recomendações com os temas da indústria para o desenvolvimento do país. As propostas foram debatidas com candidatos à Presidência na CNI.

Olimpíada do Conhecimento 2014

A maior Olimpíada de toda história do Sistema Indústria, com mais de 800 competidores

Embrapii

Criação da Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial em parceria com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP)

Fonte: Assessoria

25-29/10/2014

ANGLO AMERICAN

Produção trimestral tem bom aumento

A Anglo American registrou produção de nióbio de 1.200 t no terceiro trimestre, crescimento de 9% na comparação ao mesmo período do ano passado. No acumulado até setembro, foram produzidas 3.400 t de nióbio na planta de Ouvidor (GO). A construção do projeto Boa Vista Fresh Rock foi concluída e o comissionamento está bem avançado. A Anglo estima que a primeira produção aconteça no último trimestre deste ano. No negócio Fosfatos, a Anglo produziu 284.700 t de fertilizantes nas plantas de Catalão (GO) e Cubatão (SP), um aumento de 3%, respectivamente, em relação ao trimestre anterior e queda de 13% comparado ao terceiro trimestre de 2013. A queda é explicada pela parada programada para manutenção, restrições operacionais e mudanças no mix de produtos para otimizar margens. Durante o terceiro trimestre, foram produzidas 81.300 t de ácido fosfórico e 44.100 t de fosfato bicálcico - DCP (insumo para ração animal). A Companhia também informou que a produção de P2O5 chegou a 362.700 t. A produção de níquel teve aumento de 13%, para 10.700 t, devido à contínua melhoria da estabilidade operacional em Barro Alto, antes da reforma dos dois fornos. A produção em Barro Alto aumentou 17%, para 8.300 t. A expectativa para o ano como um todo foi atualizada, para ficar entre 35 mil e 37 mil t (anteriormente, a previsão estava entre 32.000 e 35.000 t). A Anglo American iniciou também reforma dos fornos elétricos de sua planta de níquel localizada em Barro Alto. Primeiramente será reformado o forno elétrico da linha 2 de produção, até o segundo trimestre de 2015. Enquanto o forno 2 estiver em reforma, a linha 1 continuará em operação. Assim que a linha 2 começar a produzir novamente, será iniciada a reforma do forno elétrico 1, prevista para ocorrer no segundo semestre de 2015. A Anglo estima que a reforma das duas linhas e o aumento progressivo da capacidade serão finalizados em 2016. O projeto permitirá que a empresa atinja sua capacidade nominal de produção, gerando empregos

26-29/10/2014

MINÉRIO DE FERRO

Vale produz recorde de 85,7 Mt

A Vale atingiu 85,7 Mt de produção de minério de ferro, excluindo a produção da Samarco, na melhor performance de sua história, com ganhos em todos os sistemas na comparação com o 2T14. Segundo a mineradora, o bom desempenho é atribuído aos ramp-ups da Planta 2, em Carajás, e de Conceição Itabiritos, no Sistema Sudeste. Até setembro, a Vale produziu 236,2 Mt, outro recorde de produção, contra os 232,2 Mt obtidos no mesmo período de 2013. Nos últimos doze meses até 30 de setembro de 2014, a produção de minério de ferro - excluindo a da Samarco - alcançou 317,5 Mt. Carajás alcançou um nível histórico de produção de 32,2 Mt, ficando 9,8% e 7,9% acima do 2T14 e do 3T13, respectivamente. Excluindo a produção atribuível à Samarco de 3,3 Mt, a produção de pelotas da Vale foi de 11,4 Mt no 3T14, ficando 15,0% acima do 2T14 e 17,6% quando comparado com o mesmo trimestre do ano passado, refletindo os ramp-ups das plantas pelletizadoras de Tubarão VIII e Omã. As produções de Tubarão VIII e a de Omã alcançaram 1,0 Mt e 2,3 Mt no 3T14, respectivamente. A produção de níquel atingiu 72.100 t no 3T14, ficando 16,9% acima do 2T14, a maior produção para um terceiro trimestre desde 3T08, apesar da parada programada para manutenção ocorrida em Thompson, no 3T14. No terceiro trimestre, a produção de cobre foi de 104.800 t, 29,3% e 10,8% acima do 2T14 e do 3T13, respectivamente, o que significou um marco histórico de produção. A produção de cobre em Salobo totalizou 25.900 t no 3T14, um novo recorde para a operação, devido ao ramp-up de Salobo II. A produção total de carvão atingiu 2,3 Mt no 3T14, 5,9% acima do 2T14, principalmente devido ao melhor desempenho operacional de Carborough Downs (CD), Moatize e Issac Plains. No 3T14, Moatize produziu 1,296 Mt sendo 0,828 Mt de carvão metalúrgico e 0,468 Mt de carvão térmico. A produção do carvão metalúrgico e o do carvão térmico aumentou 16,1% e 2,4%, respectivamente, na comparação com o 2T14. Como previsto, o mix de carvão melhorou com a priorização da abertura de novas frentes de lavra. A produção total de rocha fosfática alcançou 2,2 Mt, desempenho recorde para um terceiro trimestre, representando aumento de 1,7% e 2,6% em relação ao 2T14 e ao 3T13, respectivamente.

27-29/10/2014

CFEM

Alcoa é alvo de processos em Juriti

A Alcoa é alvo de três processos que tramitam no Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), em que é acusada de ter recolhido a menos o valor devido em royalties pela extração de bauxita em Juriti (PA). A Prefeitura do município alega que a Companhia tem declarado valores inferiores aos corretos para apagamento da CFEM. A

Alcoa recorreu de dois dos processos, mas o outro, de 2012, levou à inscrição da empresa na Dívida Ativa da União, em 13 de agosto, e no Cadastro Informativo (Cadin) de créditos não quitados. O valor da dívida é de R\$ 6,6 milhões, segundo publicação do Diário Oficial da União, mas pode atingir R\$ 7,5 milhões com as atualizações. Nos três processos, a Alcoa soma dívida de R\$ 27 milhões. Caso a produtora de alumínio não pague a dívida, poderá ter alvarás de atividades e suas licenças e autorizações de extração de bauxita cancelados em Juruti. A Secretaria de Tributos do município informa que a Alcoa responde por 14% da arrecadação, com cerca de R\$ 1 milhão de um total de R\$ 7 milhões ao mês. O valor inclui CFEM e ISS. A Prefeitura alega que não quer nada além do que é de direito, já que a Alcoa é importante para a cidade e desenvolve trabalhos sociais. A Alcoa admite os três processos em fase de análise e julgamento pelos órgãos competentes. A Companhia admite cumprir rigorosamente a legislação brasileira e realiza o recolhimento de todos os tributos e compensações pertinentes às suas operações.

Fonte: Brasil Mineral OnLine – 676

28-29/10/2014

USIMINAS

Prejuízo de R\$ 24 milhões no trimestre

A Usiminas registrou prejuízo líquido de R\$ 24 milhões no terceiro trimestre, contra um lucro líquido de R\$ 129 milhões do trimestre anterior. O resultado foi impactado pela queda de 5% no consumo de aços planos no terceiro trimestre em relação ao segundo trimestre e aos efeitos cambiais causados pela desvalorização do dólar. O Ebitda alcançou R\$ 357 milhões, queda de 35% em relação ao período anterior. No terceiro trimestre, o volume total de vendas de aço, de 1,4 milhão de t, apresentou queda de 4% se comparado ao trimestre anterior. O volume comercializado no mercado interno caiu 14%, motivado principalmente pela desaceleração de vários setores industriais. Em função desta menor demanda no mercado interno, a Usiminas direcionou ao mercado externo 337 mil t, um incremento de 53% na comparação com o trimestre anterior. A produção de aço bruto das usinas de Ipatinga e de Cubatão foi de 1,4 milhão de t, menos 12% em relação ao segundo trimestre. Segundo Rômulo Erwin de Souza, que assumiu a presidência recentemente, as principais cadeias consumidoras de aços planos acumularam perdas ao longo do período. “A consequência deste cenário é um aperto das nossas margens. Naturalmente, este foi um ano atípico, com eleições e Copa do Mundo. Mas sou da opinião de que temos muito o que trabalhar internamente para melhorar a nossa competitividade. E isso significa olhar de forma responsável para os nossos custos operacionais, com uma visão industrial mais rigorosa, de modo que quando a demanda melhorar estejamos mais fortalecidos e preparados”. Os investimentos da usinas somaram R\$ 268 milhões no trimestre, direcionados principalmente a melhorias operacionais na sinterização (Usina de Cubatão) e no alto-forno 3 (Usina de Ipatinga), além da modernização da Coqueria II (Usina de Ipatinga), entre outros projetos. A reforma da Coqueria aumentará a produção própria de coque e tem previsão de entrada em operação no 1º semestre de 2015. Na Mineração Usiminas, o volume de vendas atingiu 1,2 milhão de t no terceiro trimestre, 15% inferior aos três meses anteriores, em função da fraca demanda do mercado e dos baixos patamares de preço. Já a produção

foi de 1,4 milhão de t, 8% abaixo do volume do trimestre passado, em linha com a estratégia da Companhia de equilibrar produção e vendas.

29-29/10/2014

PEDRAS PRECIOSAS

Brasil convidado a participar de Bolsa de Diamantes

O mercado de gemas, diamantes e metais preciosos terá uma bolsa de negociações, com sede no Panamá, que deve ser inaugurada até o final de 2014. A área será livre de impostos e a demanda de investimentos será de US\$ 200 milhões. Em um mercado de US\$ 8 bilhões/ano, o Presidente da bolsa, Eli Izhakoff, quer a participação brasileira não apenas como mercado consumidor, mas como um dos principais produtores de pedras preciosas do mundo. A Bolsa de Diamantes do Panamá servirá como ponte para conectar a América Latina com o restante do mundo. O Brasil ainda não tem escritórios no prédio da Bolsa, nem empresas cadastradas. Para isso, Izhakoff fechou acordo com o Instituto Brasileiro de Gemas e Metais Preciosos (IBGM) em agosto. A participação brasileira deverá ocorrer efetivamente só após a inauguração da Bolsa.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 676

30-29/10/2014

EBOLA

Fundação Caterpillar dia US\$ 1 milhão para África

A Fundação Caterpillar anunciou mais US\$ 1 milhão (cerca de R\$ 2,4 milhões) aos US\$ 7,5 milhões - cerca de R\$ 18 milhões - já investidos na Campanha "The ONE" pelo trabalho de apoio à luta contra a pobreza extrema e prevenção de doenças na África. O recurso é destinado especialmente a ajudar a organização a combater o surto de ebola na África Ocidental. "Nosso trabalho para ajudar a reduzir a pobreza extrema e seus males sintomáticos será profundamente afetado se o ebola não for derrotado", disse a Presidente da Fundação Caterpillar, Michele Sullivan. "Como fundação, acreditamos que exista um imperativo humano e econômico para ajudar a garantir que os sistemas de saúde na África estejam fortes e resistentes", disse. A organização internacional ONE apoia questões globais de saúde e está à frente dos esforços atuais neste sentido na África. Co-fundada por Bono, líder da banda U2, conta hoje com mais de seis milhões de colaboradores em todo o mundo. A ONE está respondendo com força à crise do ebola, com foco específico na mobilização de recursos, prestação de contas, comunicações e mobilização social de seus dois milhões de colaboradores na África. A RED, uma divisão de ONE, ajuda a amplificar esse trabalho com plataformas criativas e inovadoras de comunicação. A Fundação Caterpillar já investiu US\$30 milhões na África desde 2010.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 676

31-29/10/2014

COMMODITIES

Brasil perde espaço no mercado chinês para Austrália

Segundo dados divulgados pela alfândega da China, as importações chinesas de minério de ferro brasileiro cresceram 13% até setembro, enquanto os desembarques da Austrália na China aumentaram 33,5%. Os números mostram, além da perda de espaço do produto brasileiro, que as importações chinesas tiveram incremento de 16,5% até setembro. A China importou 406 milhões t de minério de ferro australiano, ou 58% do total das cercas de 700 milhões t embarcados até setembro. O volume adquirido do Brasil – principalmente da Vale – somou 125 milhões t ou 17.9% das importações chinesas.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 676

32-29/10/2014

ALUMÍNIO

Alcoa vende fatia em fundição por US\$ 67,5 milhões

A Alcoa chegou a um acordo para vender sua participação na fundição Mt. Holly, em Goose Creek, Carolina do Sul (EUA), para a Century Aluminium Company, por US\$ 67,5 milhões em dinheiro. A Mt. Holly tem 50,3%, via Alcoa, e a Century ficou com 49,7%. Segundo a Alcoa, a venda da participação vai contribuir na otimização de seu portfólio de commodities. A fundição tem a capacidade de produzir 229 mil t/ano de alumínio e emprega 500 pessoas. Os empregados serão transferidos para a nova empresa como parte da negociação. O contrato de energia atual para o site expira em dezembro de 2015. A alienação vai reduzir a capacidade de fundição global da Alcoa para 3,5 milhões de tm/ano. A venda está sujeita a aprovações regulamentares habituais e deverá ser concluída até o final do quarto trimestre de 2014. Com base nas estimativas atuais, a transação não irá resultar em um ganho ou uma perda significativa para a Alcoa.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 676

33-29/10/2014

AÇO

Alacero promove congresso no México

A Associação Latino-Americana do Aço (Alacero) promove, entre 09 e 11 de novembro, o 55o. Congresso Alacero, na cidade do México, no Hotel Hilton City Reforma, México. São esperados quase 1.000 representantes de 400 empresas para dialogar sobre as novidades da indústria e fechar novos negócios. Entre os temas debatidos estarão indústria, PPPs, custos e competitividade. O evento terá palestrantes internacionais para abordar os principais desafios da cadeia do aço da região. Maiores informações podem ser obtidas no www.alacero.org.

34-30/10/2014

Usiminas prevê mercado fraco no 4º tri

Por Renato Rostás, Daniela Meibak e Ivo Ribeiro | De São Paulo

Leite, vice-presidente de negócios: "A atividade industrial do país não mostra sinais de recuperação neste trimestre"

A Usiminas, que reportou prejuízo de R\$ 26,1 milhões no terceiro trimestre, prevê um mercado mais apertado na reta final do ano. Segundo Sérgio Leite de Andrade, vice-presidente de negócios, as vendas de aço deverão ter pequeno recuo em relação ao desempenho do trimestre passado. Um dos fatores, além do cenário de fraqueza da atividade econômica, é a sazonalidade do fim do ano. A partir de 15 de dezembro, as entregas aos clientes recuam bastante, enfatizou o executivo.

Em razão desse cenário, Leite pontuou que um possível novo aumento de preços do aço no mercado interno somente seria possível com um dólar a R\$ 2,70. "A atividade industrial, que sustenta grande fatia do nosso mercado, não mostra sinais de recuperação neste trimestre". O executivo afirmou que as siderúrgicas no país foram muito afetadas pelo crescimento das importações de aço, principalmente da China, que chegaram a responder por até 16% do consumo aparente do mercado interno. Ele espera que em 2015, com um câmbio mais fortalecido e medidas de contenção à entrada de material estrangeiro, baixe para 10%.

O desempenho negativo da companhia é fruto da piora operacional, mas também com a desvalorização cambial. A receita líquida ficou 9,1% menor, sobre as mesmas bases de comparação, e atingiu R\$ 2,91 bilhões. Os custos com vendas tiveram alta de 1,5%, para R\$ 2,78 bilhões. Assim, comprometendo a rentabilidade.

O resultado antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) terminou os três meses em R\$ 344,5 milhões - queda de 35,5%. A margem sobre o indicador caiu de 16,7% para 11,8% em um ano. A linha que mais pesou para influenciar no prejuízo foi a do resultado financeiro.

A Usiminas teve despesas líquidas nesse quesito de R\$ 232,5 milhões, praticamente o dobro do apresentado no terceiro trimestre do ano passado, quando foi negativa em R\$ 117,6 milhões.

Segundo a empresa, os efeitos cambiais no trimestre foram responsáveis por despesa de R\$ 164 milhões, contra gasto de R\$ 1,7 milhão no terceiro trimestre de 2013. Da dívida bruta de R\$ 6,83 bilhões da siderúrgica em setembro, 35,7% era em moeda americana.

As vendas de aço no trimestre caíram 10,5%, ante igual período de 2013, para 1,4 milhão de toneladas. O enfraquecimento da economia brasileira reduziu a demanda pelos produtos da companhia.

Além disso, o segmento de mineração teve piora. As vendas de minério de ferro recuaram 32,3% e totalizaram 1,3 milhão de toneladas. A empresa informou que o volume foi significativamente menor porque não houve exportação da commodity no período.

Para tentar equalizar a procura e a oferta, a Usiminas reduziu a produção de aço bruto. Em Ipatinga, o corte foi de 19,9%, para 799 mil toneladas; em Cubatão, de 22,5%, para 608 mil toneladas. O problema é que, além de vender menos, a empresa também piorou o portfólio dos produtos. As exportações passaram a representar 24% do total de vendas, contra 7% um ano atrás.

35-30/10/2014

Lua de mel da siderúrgica com lucro dura apenas um ano

Por **Ivo Ribeiro** | De São Paulo

O balanço financeiro da Usiminas, divulgado ontem pela manhã, traz as marcas de um mercado doméstico de aço em forte depressão, fraco desempenho no negócio de mineração de ferro, custos ainda não controlados da siderúrgica e impacto do câmbio sobre as contas da empresa. Tudo isso levou a um prejuízo de R\$ 26 milhões no terceiro trimestre, revertendo lucro de R\$ 115 milhões no mesmo período de 2013.

O resultado, que derrubou as ações PN e ON da empresa na BM&FBovespa, interrompeu o ciclo de reversão de prejuízos, iniciado no terceiro trimestre de 2013, quando levou a empresa, de novo, ao azul em seus balanços. A ação PNA da siderúrgica fechou em queda de 8,07%, a R\$ 5,47, maior baixa do Ibovespa. O resultado frustrou as expectativas dos investidores.

O desempenho do trimestre ainda veio com a chancela de Julián Eguren, presidente da Usiminas até 25 de setembro. O executivo, que foi afastado da gestão da siderúrgica por decisão do conselho de administração, iniciou um agressivo plano de reestruturação administrativa, comercial e operacional desde que assumiu o cargo, em janeiro de 2012. O objetivo era ganhar mais eficiência, redução de custos e foco nos negócios de maior rentabilidade.

Foi posto por ele em execução um grande programa de corte de custos, com enxugamento do quadro de pessoal próprio e terceirizado, e reorganização estrutural das unidades de produção nas duas usinas de aço da empresa: Ipatinga (MG) e Cubatão (SP).

O balanço do trimestre passado aponta contração de ganhos nas margens operacionais, principalmente em mineração de ferro. Nessa área, a receita líquida teve queda de quase 50% e a atividade apresentou lucro bruto e lucro operacional antes das despesas financeiras negativos em R\$ 11 milhões e R\$ 23 milhões, respectivamente.

A margem Ebitda foi de apenas 11%, um terço da obtida no trimestre anterior (33%), e bem abaixo dos patamares acima de 50% de algum tempo atrás.

A empresa reconheceu, ontem, que há muito a fazer em redução de custos na mineração. A analistas, durante teleconferência, indicou que há muito custo a ser cotado para tornar esse negócio mais competitivo e ganhar condições para exportação. Neste mês, foi implementada uma série de medidas para ajustar custos de produção e logísticos, bem como para elevar a produtividade das operações nas minas.

As vendas de minério de ferro caíram quase 33% no trimestre, comparado com um ano atrás. Ao mesmo tempo, o preço no mercado internacional teve recuo de 14,5% em relação ao segundo trimestre, para US\$ 94 a tonelada (valor médio). Atualmente, já se encontra na faixa de US\$ 80 a tonelada.

A siderurgia, principal negócio da companhia mineira de aços planos, viu cair à metade seus ganhos nos dois quesitos mencionados e a margem do resultado operacional (Ebitda) recuou para 13%. No balanço consolidado, caiu para 12%, ante 18% do trimestre imediatamente anterior.

Diante do mercado interno retraído, a Usiminas recorreu mais às exportações, que tiveram participação de 24% no volume total comercializado, ante apenas 7% um ano atrás. O material exportado, grande parte de placas, tem menor valor agregado e, regra geral, menores margens de ganho.

O volume total comercializado pela companhia caiu 11%. Mas chama a atenção o fato de as vendas internas virem com uma retração de 27%, diante de um mercado que foi fraco para todo mundo, mas ficou longe desse índice da siderúrgica.

A evolução dos custos de produção da atividade de siderurgia mostrou alta: de R\$ 1.708 a tonelada, há um ano, para R\$ 1.809 a tonelada no trimestre passado.

A empresa admitiu aos analistas que a redução dos preços de carvão e minério de ferro - duas principais matérias-primas -, em queda há mais de um ano, não tiveram ainda o impacto esperado nos resultados da empresa. Ou seja, ela não foi capturada para compensar os ainda elevados custos que a empresa apresenta.

A evolução do resultado na última linha do balanço aponta que a empresa, mesmo após o "turnaround" feito em 2012 e 2013, voltou ao mesmo patamar do segundo trimestre do ano passado, quando perdeu R\$ 22 milhões.

Desde então, viveu uma gangorra: de um lucro de R\$ 115 milhões no terceiro trimestre de 2013, caiu em seguida a R\$ 47 milhões e deu um salto para R\$ 222 milhões no primeiro trimestre de 2014. A partir daí, entrou em rota de declínio, indo ao prejuízo.

Um leve alívio veio com a venda de energia excedente, uma receita extraordinária. O valor de R\$ 124 milhões de julho a setembro teve impacto direto no Ebitda da companhia, com quase 35%.

36-30/10/2014

"Ciclo das hidrelétricas" frustra Porto Velho

Por **Murillo Camarotto** | De Porto Velho

Cássio Rodrigues, armador de concreto: dispensado de Jirau, procura novo emprego:

"Usina é o ideal, o salário é melhor"

Patrimônio cultural nacional, a pequena Igreja de Santo Antônio fica bem próxima à hidrelétrica de mesmo nome, que começou a ser erguida no fim de 2008 na capital do Estado de Rondônia. Um deck montado no pátio da capela oferece uma vista privilegiada das comportas da usina. É fim de expediente e a fila dos ônibus que serpenteiam pelo canteiro ainda impressiona, embora o contingente de operários já tenha sido reduzido em mais de 60%, dada a proximidade do fim das obras.

A 50 quilômetros da usina, um carro de som circula com dificuldade pelas ruas enlameadas de Jaci-Paraná, distrito que experimentou crescimento exponencial nos últimos anos, enquanto abrigou boa parte dos trabalhadores da obra hidrelétrica de Jirau, também em Porto Velho. O alto-falante acoplado ao teto do veículo tenta atrair a freguesia ao comércio local, que estava praticamente às moscas em uma tarde de terça-feira, reflexo da desmobilização na usina, já próxima de 50%.

Se para o Brasil, os projetos das duas hidrelétricas no rio Madeira representaram um importante reforço no suprimento energético, aos olhos dos rondonienses os empreendimentos surgiram como esperança de um novo e definitivo ciclo de desenvolvimento para uma região que testemunhou o progresso passageiro dos ciclos da borracha e do garimpo.

Diante do avanço na dispensa de mão de obra, o sentimento em Porto Velho é de frustração com o legado das hidrelétricas. O crescimento de 30% na população da cidade - hoje próxima de 500 mil habitantes - não foi compensado pelos investimentos públicos necessários. Resultado: os problemas sociais aumentaram e os gargalos de infraestrutura estão por toda parte. Some-se a isso as quedas no movimento do comércio, na ocupação dos hotéis e nos preços dos imóveis. Obras importantes estão paradas há vários anos e outras nem chegaram a começar.

A Prefeitura de Porto Velho criou em 2010 uma secretaria para tratar especificamente da relação com as usinas. O atual titular da pasta, Vicente Bessa, reconhece as

dificuldades, mas atribui a responsabilidade à administração anterior, que, segundo ele, dimensionou mal as necessidades do município na hora de negociar as contrapartidas das hidrelétricas. Pelo acordo fechado, Santo Antônio deveria investir R\$ 65 milhões em compensações. Jirau se comprometeu com R\$ 92 milhões.

A maior parte das obrigações foi cumprida pelas empresas, segundo o secretário. O grosso das contrapartidas concentrou-se na construção de escolas, hospitais, creches, postos de saúde e edifícios da administração pública. Também foram contemplados investimentos em sinalização de trânsito, capacitação profissional e programas de combate às drogas. O crescimento do tráfico e do uso de drogas é um dos efeitos colaterais mais citados quando o assunto é a expansão desordenada da população.

"Não havia pedintes em Porto Velho. Hoje temos uma cracolândia no centro da cidade", queixa-se Bessa. Entre 2011 e 2012, quando acentuou-se a desmobilização das usinas, o índice de homicídios cresceu 16% na capital de Rondônia. A prefeitura aponta ainda o avanço da prostituição. "Tiveram que ser criadas mais duas varas de família para dar conta do salto nos casos de investigação de paternidade", conta a promotora Aídee Torquato, coordenadora do grupo de trabalho criado no Ministério Público de Rondônia para acompanhar as obras das usinas.

A seção local do Serviço Nacional do Emprego (Sine) funciona nos fundos da Companhia de Mineração de Rondônia. Todas as manhãs, uma enorme fila se forma em frente ao prédio. A espera fica mais difícil com o mau cheiro resultante da mistura entre o calor amazônico e o esgoto a céu aberto na rua. É para o Sine que segue a maioria dos operários dispensados pelas usinas. Após atingir o pico de 21 mil trabalhadores em julho de 2011, Santo Antônio conta atualmente com 8 mil homens. No mesmo período, o contingente em Jirau caiu de 20 mil para 11 mil operários.

"Nossa maior demanda aqui é pedido de seguro-desemprego do pessoal das usinas", explica o coordenador do Sine, Levi Passos. Por conta dos salários bem superiores à média da região, a maioria dos demitidos procura vagas em outras hidrelétricas. O consórcio responsável pela construção da usina de Belo Monte, no Pará, montou um posto de recrutamento em Porto Velho, mas as atividades foram encerradas em setembro. Até julho, pouco mais de 500 trabalhadores foram aproveitados.

A hidrelétrica de Teles Pires, no Mato Grosso, também é desejada. Dispensado de Jirau após um ano e meio, o armador de concreto Cássio Rodrigues quer voltar logo ao batente. Segundo ele, o mercado em Porto Velho "está fraco", tanto em oferta de trabalho quanto em remuneração. "Usina é o ideal, o salário é muito melhor", diz ele, que recebia R\$ 1,9 mil mensais em Jirau.

O cenário é desanimador para os operários que não pretendem seguir na carreira de "barrageiro", como são chamados os trabalhadores que migram de usina em usina. Após uma explosão no número de lançamentos imobiliários, quando mais de 300 prédios foram erguidos, a construção civil em Porto Velho estagnou-se.

"O que está ocorrendo agora estava previsto. Nos mais de quatro anos de ascensão, a especulação ficou fora de controle", lembra o empresário Cezar Zoghbi, ex-presidente do Conselho Regional de Corretores de Imóveis (Creci). De acordo com ele, a oferta exacerbada se reflete agora em queda de 30% nos preços dos imóveis.

O comércio e o setor hoteleiro também sentem a desmobilização e temem pelo futuro. O representante local da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH), Alberto Horny, conta que a ocupação média em Porto Velho já caiu de 80% para menos de 50%. Durante o "boom" das usinas, foram construídos mais de mil quartos de hotel na cidade.

"Todo mundo sabia que o movimento cairia um pouco depois, mas também acreditava-se que haveria investimento em infraestrutura para melhorar a cidade, que está completamente abandonada. Falta o poder público fazer sua parte. Infelizmente, o crescimento da arrecadação não resultou em melhorias e hoje o nosso principal ponto turístico é o shopping", ironiza.

A queixa é a mesma do empresário Fábio Queiroz, que investiu R\$ 600 mil em uma bem equipada farmácia em Jaci-Paraná. O faturamento já caiu 35% desde que os desligamentos se intensificaram em Jirau. Perguntado sobre o futuro, ele reclama da falta da infraestrutura que garantiria alguma viabilidade ao distrito, que ameaça tornar-se um lugar fantasma. O restaurante em frente à farmácia já fechou as portas, assim como lojas, confecções e depósitos de material de construção.

"Houve grande expectativa. Confiou-se que haveria valorização das terras, que chegaria a infraestrutura. Veio algum asfalto, ainda assim de má qualidade. Rede de água, saneamento básico e energia, quase nada. Não há escola para todo mundo, muito menos professor. Muita gente está tentando vender seus terrenos e outras simplesmente abandonando tudo", conta o empresário.

Entre o início e o pico das obras das hidrelétricas, a arrecadação do Estado de Rondônia com ICMS avançou 80%, desempenho superior à média nacional e da região Norte. O PIB cresceu acima de dois dígitos em 2010 e em 2011. A infraestrutura da capital, no entanto, segue precária. Não saiu do papel, por exemplo, um plano de universalização da água tratada, previsto para ficar pronto em 2012. O percentual de famílias com acesso à rede de água na cidade é de apenas 41%.

"Obras malditas que nunca acabam". A mensagem pichada em tom de desabafo talvez seja a intervenção mais recente em um dos cinco viadutos inacabados sobre a BR-364 e que são motivo de chacota em Porto Velho. A obra está parada há mais de três anos e sua retomada virou promessa na campanha eleitoral deste ano, vencida pelo atual governador do Estado, Confúcio Moura (PMDB). O empreendimento fica em um dos principais acessos à cidade e está completamente abandonado, tomado por poeira e ferrugem.

Apesar de grande parte das críticas recair sobre o poder público, as hidrelétricas também são alvo das reclamações. A promotora Aídee Torquato argumenta que, mesmo tendo

sido entregues, as contrapartidas das usinas são "migalhas" perto do poderio financeiro das empresas e das necessidades do município. "O cumprimento é medíocre, porque o pedido foi medíocre", critica. Ela prepara algumas ações contra as hidrelétricas, entre elas uma que pede uma readequação das contrapartidas.

As desapropriações também podem ser alvo de ação judicial. De acordo com a promotora, Santo Antônio ofereceu 50 hectares para cada família desalojada, mas entregou apenas 10 hectares. O restante teria sido dado em formato de condomínio, ou seja, em uma grande área na qual cada família tem uma cota de 40 hectares. "As pessoas, de pouca instrução, foram ludibriadas, já que, na prática, não terão acesso direto a essas terras", explicou Aídee. Questionada, a Santo Antônio Energia informou que todos foram corretamente reassentados ou indenizados.

As usinas também respondem atualmente por falhas no cronograma de entrega de energia, que ajudaram a acentuar o prejuízo bilionário assumido pelas distribuidoras do país. Para evitar sanções, tanto Santo Antônio quanto Jirau apelaram para o "excludente de responsabilidade", pelo qual alegam que as greves ocorridas entre 2011 e 2012 nos canteiros impossibilitaram o cumprimento dos compromissos nos prazos acordados.

Quando estiverem em pleno funcionamento, em meados de 2016, as duas hidrelétricas só vão precisar de 400 funcionários cada uma. O que vai ficar para Porto Velho são os royalties, calculados em cerca de R\$ 80 milhões anuais. O valor, entretanto, está atrelado à quantidade de energia gerada, o que tem preocupado a prefeitura, visto que Santo Antônio, por exemplo, não está cumprindo o chamado fator de disponibilidade, pelo qual suas turbinas têm que estar disponíveis para gerar energia em 99,5% do tempo.

Em Porto Velho, fala-se que o processo de assoreamento do rio Madeira estaria dificultando a operação plena das turbinas de Santo Antônio, o que é negado pela empresa. Perguntados se, afinal, o ciclo hidrelétrico valeu a pena, muitos moradores da cidade suspiram por alguns segundos antes de responder: "Crescimento é sempre bom..."

37-30/10/2014

PRODUÇÃO DE OURO DA BEADELL AUMENTA 20% NO 3º TRIMESTRE

A Beadell Resources produziu 33.793 onças de ouro no terceiro trimestre deste ano, um aumento de 19,8% em relação ao trimestre anterior. De julho a setembro, a mineradora vendeu 41.657 onças, volume que representa uma alta de 36,6%. As informações são do relatório de resultados trimestrais divulgado hoje (29).

Toda a produção da mineradora é proveniente da mina Tucano, em Pedra Branca do Amapari (AP). A quantidade de minério e estéril movimentado pela Beadell foi de aproximadamente 3 milhões de toneladas, um aumento de quase 50% na comparação

com o segundo trimestre. De acordo com a companhia, a alta no volume movimentado ocorreu devido ao fim da temporada de chuvas e a melhorias significativas na produtividade.

Foram lavradas 415 mil toneladas de minério de ouro e moídas cerca de 1,12 milhão de toneladas de minério do metal, com teor de 1,06 grama de ouro por tonelada. A Beadell informou que 57% de toda a movimentação de estéril ao longo do terceiro trimestre veio da cava de alto teor do depósito Duckhead, próximo à mina Tucano, que gerou a recuperação de 3 mil onças de ouro, conforme programado pela empresa.

A mineradora de ouro disse que a planta de lixiviação a carbono (CIL, na sigla em inglês) teve um rendimento recorde de aproximadamente 1,125 milhão de toneladas. A média anual da planta é de 4,5 milhões de toneladas.

O guia de produção da Beadell para 2014 permanece o mesmo, de 180 mil a 200 mil onças de ouro. Segundo a companhia, no terceiro trimestre, cada onça foi vendida por um preço médio de US\$1,272 mil. No fim do ano fiscal de 2014, em 30 de junho, a mineradora tinha US\$ 13 milhões em dinheiro e ouro.

A Beadell informou também novos resultados de sondagem. A companhia identificou uma interseção de 32 metros com teor de 33,5 gramas por tonelada de ouro, incluindo sete metros com teor de 140 gramas de ouro por tonelada no veio principal de Duckhead, por meio de furos de sondagem usados para identificar os limites da mineralização (step out drilling).

Outros tipos de sondagem, também no veio principal do depósito de ouro, apontaram interseção de 18 metros com teor de 90,3 gramas de ouro por tonelada, incluindo dez metros com teor de 91,7 gramas de ouro por tonelada, 28 metros com teor de 47,3 gramas de ouro por tonelada e 20 metros com 24,4 gramas de ouro por tonelada.

A Beadell identificou também interseção de sete metros com teor de 10,2 gramas de ouro por tonelada, incluindo dois metros com teor de 32,6 gramas de ouro por tonelada no veio paralelo de Duckhead. A mineradora pretende realizar novas sondagens no local.

A companhia disse ainda que obteve resultados positivos dos estudos iniciais de avaliação do projeto subterrâneo Urucum, de forma que contribuiriam para o progresso do estudo econômico em estudo de viabilidade, com uma campanha de sondagem já sendo realizada.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

38-31/10/2014

Destaques

Baixa da MMX

A MMX Mineração e Metálicos reconheceu ontem uma baixa contábil ("impairment") de R\$ 1,807 bilhão nas operações correntes e no projeto de expansão de Serra Azul, pertencente à MMX Sudeste Mineração, subsidiária que está em processo de recuperação judicial. A companhia divulgou ao mercado em fato relevante, no início da noite, que informações adicionais sobre o "impairment", bem como seus desdobramentos contábeis, serão disponibilizadas nas informações trimestrais da companhia relativas ao 2º trimestre de 2014, ainda não entregue, cuja divulgação está prevista para hoje, após o fechamento do mercado na BM&FBovespa

Fonte: Valor

39-31/10/2014

Preço do minério e câmbio afetam Vale

Por **Francisco Góes, Rafael Rosas e Alessandra Saraiva | Do Rio**

Ferreira, presidente: "Vale manteve um balanço saudável, com baixa alavancagem; dívida líquida caiu US\$ 2,15 bilhões"

O desempenho da Vale no negócio de minério de ferro, seu principal produto, levou a empresa a ter um resultado aquém do esperado pelo mercado no terceiro trimestre. A Vale registrou recorde histórico na produção de julho a setembro, mas não conseguiu vender todo o volume que saiu das minas por um problema logístico e por razões de estratégia comercial. Também pesou negativamente o preço obtido pela companhia para os finos de minério de ferro no terceiro trimestre, que ficou em US\$ 68 por tonelada, 20% abaixo do segundo trimestre de 2014.

A própria Vale reconheceu ontem, em teleconferência, que essa queda de preços é fruto de um cenário de aumento da oferta global da commodity e de uma demanda mais fraca do que o esperado. Essa combinação tem levado a uma redução contínua dos preços do minério de ferro este ano no mercado internacional e a queda acumulada no ano é próxima de 40%.

Como resultado de um menor preço realizado, a receita líquida da mineradora caiu no terceiro trimestre e atingiu R\$ 20,6 bilhões, queda de 26,8% sobre igual período de 2013. O lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda ajustado) somou R\$ 6,8 bilhões de julho a setembro, com redução de 48,5% sobre igual período do ano passado. A mineradora terminou o terceiro trimestre de 2014 com prejuízo de R\$

3,38 bilhões, resultado motivado pelo impacto da desvalorização do real frente na dívida denominada em dólares da companhia.

Na bolsa, a ação preferencial da Vale fechou cotada a R\$ 20,50, recuo de 4,47% em relação à véspera. Foi a segunda maior queda do Ibovespa no dia, perdendo só para a Bradespar, que caiu 4,80%. Os analistas de bancos receberam com decepção os resultados da companhia no segmento de minério de ferro. O lado bom foi o desempenho do negócio de metais básicos, como foi destacado pelo presidente da Vale, Murilo Ferreira.

O executivo afirmou que esse segmento de negócios continua a crescer e no terceiro trimestre chegou a representar quase um terço do Ebitda da companhia em função do recorde na produção de cobre e de um crescimento na produção de níquel. O Ebitda ajustado da área de metais básicos somou R\$ 1,793 bilhão ante R\$ 1,34 bilhão do segundo trimestre do ano.

Ferreira disse que o prejuízo registrado pela companhia no terceiro trimestre foi contábil, sem impacto no caixa. "A Vale manteve um balanço saudável, com baixa alavancagem e uma dívida líquida que diminuiu em US\$ 2,15 bilhões desde o fim de junho", afirmou o executivo. Questionado sobre rumores de que poderia assumir como ministro da Fazenda no próximo governo, Ferreira negou: "Não fui sondado, convidado ou indicado para ocupar posição no novo governo", disse Ferreira. Ele afirmou estar focado nos desafios da Vale em um novo cenário de preços para indústria de mineração. Esse novo momento indica, segundo ele, que o mundo não vive mais um "superciclo" de preços para o minério de ferro. Mesmo assim, ele disse enxergar um mercado ainda "exuberante" impulsionado pelo crescimento da China e dos países do sudeste asiático, como Indonésia, Tailândia e Vietnã.

O mercado está preocupado, porém, com os efeitos da continuidade de preços baixos para o minério de ferro, hoje na faixa de US\$ 80 por tonelada no mercado à vista da China. Em relatório, o Bank of America Merrill Lynch manteve a recomendação de compra para a Vale, mas reconheceu que o cenário de preços para o minério de ferro em 2015 é motivo de preocupação. Outra dúvida do mercado é quanto a Vale vai cortar em seu programa de investimentos para o ano que vem. Ontem, o diretor-executivo de finanças da Vale, Luciano Siani, admitiu que o investimento programado para projetos neste ano, de US\$ 13,8 bilhões, ficará entre US\$ 1 bilhão e US\$ 2 bilhões abaixo do previsto.

A Vale também deve rever para baixo a estimativa de investir US\$ 12,5 bilhões no ano que vem. Um analista estimou que o número pode ficar na casa dos US\$ 11 bilhões, mas o valor só será conhecido no "Vale Day", evento da mineradora na Bolsa de Nova York, tradicionalmente realizado em dezembro. Entre os analistas, há quem considere que, frente a uma geração de caixa menor, a Vale também pode reduzir o pagamento de dividendos. Ferreira afirmou que a administração da Vale está confiante de que pode

continuar pagando altos dividendos e, ao mesmo tempo, manter a "prudência" em termos de alavancagem.

Ele afirmou que a Vale está envolvida na implantação de grandes projetos, como o S11D, de minério de ferro, em Carajás, no Pará, e Moatize, de carvão, em Moçambique, na África. Ele informou que em "breve" a empresa vai anunciar a venda de uma participação acionária na mina de Moatize, podendo se desfazer de uma fatia de 15% a 25%, e no Corredor Nacala, sistema formado por ferrovia e porto em Moçambique, podendo vender metade dos 70% que têm no ativo.

40-31/10/2014

Presidente da Vale diz não ter sido convidado para cargo no governo

Por **Rafael Rosas e Francisco Góes | Valor**

RIO - O presidente da Vale, Murilo Ferreira, afirmou hoje que não recebeu e não foi consultado sobre assumir um cargo no próximo governo da presidente Dilma Rousseff (PT), reeleita no último domingo.

"De fato, não recebi convite ou fui consultado para ser ministro", disse Ferreira em teleconferência com analistas para comentar o resultado do terceiro trimestre da empresa, acrescentando que segue focado em vencer os atuais desafios no mercado de mineração, à frente da Vale. "Estamos focados em trazer grande futuro para a empresa e estamos focados em aumentar a eficiência da companhia", acrescentou.

Ferreira afirmou ainda que pretende manter a Vale como uma empresa que paga altos dividendos. "É importante continuarmos a ser uma companhia motivante para os nossos acionistas", frisou.

O executivo afirmou ainda que a direção da mineradora continua prudente no que diz respeito à alavancagem e elogiou os projetos S11D, em Carajás (PA), de minério de ferro; e Moatize, para produção de carvão em Moçambique.

Também presente na teleconferência, o diretor executivo de ferrosos e estratégia, José Carlos Martins, afirmou ainda que o projeto S11D se mantém atrativo com qualquer preço do minério de ferro, devido ao baixo custo e à alta qualidade da produção.

41-31/10/2014

Prejuízo de R\$ 3 bi na Vale surpreende

Por **Francisco Góes, Rafael Rosas e Alessandra Saraiva | Do Rio**

O câmbio, o preço do minério de ferro e vendas mais fracas contribuíram para o prejuízo de R\$ 3,38 bilhões da Vale no terceiro trimestre, resultado muito pior que o esperado e que levou à queda de 4,47% na ação preferencial da empresa, em um dia em

que a bolsa subiu 2,51%. Outros indicadores também foram ruins. A despesa financeira líquida, por exemplo, subiu 523%.

Apesar da produção recorde de julho a setembro, a empresa não conseguiu vender todo o minério de ferro que saiu das minas e o preço realizado ficou em US\$ 68 por tonelada, 20% inferior ao do segundo trimestre. O presidente da Vale, Murilo Ferreira, disse que o prejuízo no terceiro trimestre foi contábil, sem impacto no caixa da companhia.

42-31/10/2014

Mineração pode ter em breve uma nova onda de inovação

O maior foco da indústria da mineração na disciplina de capital, que privilegia mais o aumento de produtividade do que o aumento de capacidade, vai permitir que os fornecedores de equipamentos de mineração introduzam novas tecnologias no processo de mineração. A automação de minas e uso de veículos elétricos podem ser algumas das principais áreas de inovação.

A GE, que fabrica veículos elétricos usados em minas subterrâneas, e a ABB, com seus sistemas de automação de equipamentos e processos, bem como a Caterpillar, são todos fortes concorrentes para levar uma fatia das vendas futuras de equipamentos e sistemas com maior conteúdo tecnológico.

O CEO da Sandvik, Olof Faxander, disse, no início da semana, que até 2012 havia pouco interesse em testar novas tecnologias no setor de mineração. As empresas estavam mais interessadas em ampliar suas capacidades de produção o mais rápido possível e com baixo risco.

“Hoje, todos os mineradores querem produtividade e redução de custos, mais do que incrementar a produção. Logo, acredito que haverá uma aceleração no desenvolvimento de tecnologias”, disse Faxander, que lidera uma dos maiores fornecedores de tecnologia para o setor. A Sandvik, com 47 mil empregados, desenvolve equipamentos e serviços para quase todos os processos de mineração.

Contudo, em algumas regiões e segmentos, a perspectiva de crescimento é mínima. Segundo a Volvo, o mercado de caminhões pesados na Europa não deve crescer neste ano nem no próximo. A previsão de vendas de 230 mil unidades em 2014 deve se confirmar. A mesma previsão vale para 2015. Em 2013, foram vendidas 231,5 mil unidades. Ou seja, três anos sem crescimento no setor. Com informações da Bloomberg Industries.

Fonte: IBRAM

43-31/10/2014

Produção trimestral tem bom aumento

A Anglo American registrou produção de nióbio de 1.200 t no terceiro trimestre, crescimento de 9% na comparação ao mesmo período do ano passado. No acumulado até setembro, foram produzidas 3.400 t de nióbio na planta de Ovidor (GO). A construção do projeto Boa Vista Fresh Rock foi concluída e o comissionamento está bem avançado. A Anglo estima que a primeira produção aconteça no último trimestre deste ano. No negócio Fosfatos, a Anglo produziu 284.700 t de fertilizantes nas plantas de Catalão (GO) e Cubatão (SP), um aumento de 3%, respectivamente, em relação ao trimestre anterior e queda de 13% comparado ao terceiro trimestre de 2013. A queda é explicada pela parada programada para manutenção, restrições operacionais e mudanças no mix de produtos para otimizar margens. Durante o terceiro trimestre, foram produzidas 81.300 t de ácido fosfórico e 44.100 t de fosfato bicálcico – DCP (insumo para ração animal). A Companhia também informou que a produção de P2O5 chegou a 362.700 t. A produção de níquel teve aumento de 13%, para 10.700 t, devido à contínua melhoria da estabilidade operacional em Barro Alto, antes da reforma dos dois fornos. A produção em Barro Alto aumentou 17%, para 8.300 t. A expectativa para o ano como um todo foi atualizada, para ficar entre 35 mil e 37 mil t (anteriormente, a previsão estava entre 32.000 e 35.000 t). A Anglo American iniciou também reforma dos fornos elétricos de sua planta de níquel localizada em Barro Alto. Primeiramente será reformado o forno elétrico da linha 2 de produção, até o segundo trimestre de 2015. Enquanto o forno 2 estiver em reforma, a linha 1 continuará em operação. Assim que a linha 2 começar a produzir novamente, será iniciada a reforma do forno elétrico 1, prevista para ocorrer no segundo semestre de 2015. A Anglo estima que a reforma das duas linhas e o aumento progressivo da capacidade serão finalizados em 2016. O projeto permitirá que a empresa atinja sua capacidade nominal de produção, gerando empregos e potencializando o desenvolvimento socioeconômico da região.

Fonte: Brasil Mineral

44-31/10/2014

China lidera compra de minério da Vale no 3º trimestre

Por Fernanda Guimarães | Estadão Conteúdo

A China foi destino de 49,6% do minério de ferro e pelotas vendido pela Vale no terceiro trimestre do ano, com um volume de 38,764 milhões de toneladas. No terceiro trimestre do ano passado, a fatia de vendas para a China foi de 50,2% e no segundo trimestre deste ano de 51,4%.

Já as vendas de minério de ferro e pelotas da Vale no terceiro trimestre do ano somaram 78,075 milhões, queda de 6,6% em relação ao mesmo trimestre do ano passado. Em relação ao segundo trimestre, as vendas subiram 1,5%.

No documento que acompanha o seu demonstrativo financeiro a Vale afirmou que apesar de ter registrado recorde em produção de minério de ferro no trimestre, as vendas ficaram aquém do que poderiam ter sido. Isso porque, explicou a companhia, houve um acúmulo de 9,3 milhões de toneladas em estoques ao longo da cadeia, parcialmente em consequência da interrupção da ferrovia de Carajás (Estrada de Ferro Carajás, EFC) em setembro. "Uma parte dos estoques estrategicamente acumulados no terceiro trimestre

foram vendidos em condições comerciais mais favoráveis durante o trimestre atual", destacou a empresa.

45-31/10/2014

Produção de ouro da Beadell aumenta 20% no 3º trimestre

A Beadell Resources produziu 33.793 onças de ouro no terceiro trimestre deste ano, um aumento de 19,8% em relação ao trimestre anterior. De julho a setembro, a mineradora vendeu 41.657 onças, volume que representa uma alta de 36,6%. As informações são do relatório de resultados trimestrais divulgado hoje (29).

Toda a produção da mineradora é proveniente da mina Tucano, em Pedra Branca do Amapari (AP). A quantidade de minério e estéril movimentado pela Beadell foi de aproximadamente 3 milhões de toneladas, um aumento de quase 50% na comparação com o segundo trimestre. De acordo com a companhia, a alta no volume movimentado ocorreu devido ao fim da temporada de chuvas e a melhorias significativas na produtividade.

Foram lavradas 415 mil toneladas de minério de ouro e moídas cerca de 1,12 milhão de toneladas de minério do metal, com teor de 1,06 grama de ouro por tonelada. A Beadell informou que 57% de toda a movimentação de estéril ao longo do terceiro trimestre veio da cava de alto teor do depósito Duckhead, próximo à mina Tucano, que gerou a recuperação de 3 mil onças de ouro, conforme programado pela empresa.

A mineradora de ouro disse que a planta de lixiviação a carbono (CIL, na sigla em inglês) teve um rendimento recorde de aproximadamente 1,125 milhão de toneladas. A média anual da planta é de 4,5 milhões de toneladas.

O guia de produção da Beadell para 2014 permanece o mesmo, de 180 mil a 200 mil onças de ouro. Segundo a companhia, no terceiro trimestre, cada onça foi vendida por um preço médio de US\$1,272 mil. No fim do ano fiscal de 2014, em 30 de junho, a mineradora tinha US\$ 13 milhões em dinheiro e ouro.

A Beadell informou também novos resultados de sondagem. A companhia identificou uma interseção de 32 metros com teor de 33,5 gramas por tonelada de ouro, incluindo sete metros com teor de 140 gramas de ouro por tonelada no veio principal de Duckhead, por meio de furos de sondagem usados para identificar os limites da mineralização (step out drilling).

Outros tipos de sondagem, também no veio principal do depósito de ouro, apontaram interseção de 18 metros com teor de 90,3 gramas de ouro por tonelada, incluindo dez metros com teor de 91,7 gramas de ouro por tonelada, 28 metros com teor de 47,3 gramas de ouro por tonelada e 20 metros com 24,4 gramas de ouro por tonelada.

A Beadell identificou também interseção de sete metros com teor de 10,2 gramas de ouro por tonelada, incluindo dois metros com teor de 32,6 gramas de ouro por tonelada no veio paralelo de Duckhead. A mineradora pretende realizar novas sondagens no local.

A companhia disse ainda que obteve resultados positivos dos estudos iniciais de avaliação do projeto subterrâneo Urucum, de forma que contribuíram para o progresso do estudo econômico em estudo de viabilidade, com uma campanha de sondagem já sendo realizada.

Fonte: IBRAM

46-31/10/2014

PÖYRY AMPLIA ATUAÇÃO NA ÁREA DE MINERAÇÃO

Com o conceito “da mina ao porto”, empresa foca em atender o cliente desde a pré-viabilidade do projeto até o embarque do minério ou subproduto nos portos, visando maior produtividade e economia em todas as fases de um empreendimento

A área de Mineração e Siderurgia da Pöyry, multinacional finlandesa de consultoria e serviços de engenharia, antes focada essencialmente em processos minerais, passa a utilizar o conceito “da mina ao porto” para atender seus clientes.

Com maior ênfase, será usada a estratégia de “one stop shop” (onde uma única empresa oferece múltiplos serviços), e os clientes poderão contar com a assistência especializada da Pöyry desde o estudo de pré-viabilidade e exploração mineral até a logística de embarque no porto, passando pelas análises de impacto ambiental, estudos econômicos, projetos de beneficiamento, logística, ferrovias, estradas e até portos. “Dessa forma, conseguimos utilizar toda a expertise da empresa para projetos dos clientes de mineração, siderurgia, metalurgia, fertilizantes, cimento e agregados”, explica Marcelo Xavier, diretor de mineração e siderurgia da Pöyry.

Ele observa que contar com uma única consultoria para coordenar todas as fases do projeto elimina problemas como a necessidade de revisões das fases implementadas por diferentes fornecedores, situação esta que tem impactado muitas mineradoras em função de falhas, falta de integração entre as fases e, conseqüentemente, necessidade de refazer etapas dos projetos.

Sendo assim, o conceito de empresa que atende seus clientes desde os projetos de minas até os portos na área de mineração, traz maior economia e minimiza os riscos, já que contratar diversos prestadores de serviços para concluir fases diferentes de um mesmo projeto pode encarecê-lo, além de gerar mais desgaste na administração e produtividade da obra.

A mineração é a segunda maior área de atuação da Pöyry no Brasil. O escritório brasileiro, inaugurado em Belo Horizonte 2011, é hoje o headquarter do grupo para este setor, coordenando todos os projetos na América Latina. “Começamos a operação com dois profissionais e hoje somos 120. Estamos focando em produtividade, o que torna a Pöyry mais competitiva, com profissionais experientes em engenharia e foco nas reais necessidades dos clientes”, comenta Xavier.

Além do Brasil, a empresa vem fortalecendo sua atuação no mercado de mineração da Finlândia, Peru, Chile, Suécia, Indonésia, Tailândia e Malásia. Um dos grandes diferenciais competitivos da Pöyry é justamente o vasto conhecimento em diversas indústrias – a exemplo do setor de celulose e papel, do qual é líder mundial em serviços de consultoria e engenharia. “Outro diferencial da Pöyry é que fazemos intercâmbio de competências entre profissionais de todos esses países e de outros segmentos para oferecer a melhor proposta para os clientes, buscando sinergias e inovação com as melhores práticas em projetos.”, explica.

A empresa, conhecida por ter atuado em grandes projetos de mineração do País, também atende projetos de menor tamanho e estudos de viabilidade, nos quais já é referência para outros segmentos onde atua.

Integram a carteira de clientes da Pöyry no setor de mineração e siderurgia empresas como Vale, CSN, Alcoa, Ersa, Gerdau, Vale Fertilizantes, Novelis e Yamana Gold.

Fonte: Assessoria